

COLECCÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

P.<sup>E</sup> ANTÓNIO VIEIRA

# OBRAS ESCOLHIDAS

PREFÁCIOS E NOTAS  
DE ANTÓNIO SÉRGIO  
E HERNÂNI CIDADE

VOLUME XI

SERMÕES (II)



LIVRARIA SA DA COSTA  
EDITORA LISBOA

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

**P.º António Vieira**

**OBRAS ESCOLHIDAS**

---

com prefácios e notas de  
**António Sérgio**  
e **Hernâni Cidade**

•

VOLUME XI

**SERMÕES (II)**



LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA  
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

III - 322, 1, 29

*Desta obra tiraram-se 200 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.*

*Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores*



*Handwritten signature*  
227279  
1955

PROPRIEDADE DA  
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA



869.081  
v. 11

14.924  
1966

1954  
Composto e impresso na  
GRAFICA SANTELMO  
Rua S. Bernardo, 84  
L I S B O A

MTMP  
22.11.55

## PREFÁCIO

---

*Tal como o volume anterior — I dos Sermões — completa o I das Obras Várias consagrado ao Político, assim o que temos presente completa o III das mesmas Obras Várias, que intitulámos Defesa dos Índios. A acção do missionário catequista que ali entrevemos, a luta do defensor dos Índios contra o egoísmo dos Colonos a que ali assistimos, têm também seu teatro no púlpito, do alto do qual o grande orador não podia deixar de servir o Paiassu — o Padre Grande, como era chamado entre os aborígenes.*

*E um ao outro os dois volumes de sermões se completam, em cada um deles se espelhando uma face da mesma forte personalidade em permanente anseio de acção sobre a realidade moral circundante. Vieira não poderia viver sem este ininterrupto contacto com o agitado mundo dos vivos. Sufocaria, como se lhe faltasse o meio próprio à sua respiração moral.*

Muito novo ainda, aos 17 anos, diz ele ter feito voto de «gastar toda a vida na conversão dos gentios e doutrinar novamente aos convertidos» e para isso — continua ele — «me apliquei às duas línguas do Brasil e Angola, de que usam os gentios e cristãos daquelas províncias. E porque para este ministério me não era necessária mais ciência que a doutrina cristã, pedi aos Superiores me tirassem dos estudos, porque não queria nem curso, nem teologia, e cedia dos graus da Religião que a ele e a ela se seguem. E posto que os Superiores mo não quizeram conceder, antes me tiraram a obrigação do voto, e o Padre Geral fez o mesmo, eu contudo o tornei a renovar e insistir nele, até que últimamente (entenda-se — por último) o consegui, indo-me para o Maranhão tanto contra a vontade de El-rei e do Príncipe, como é notório, levando e convocando de diversas partes da Companhia para a mesma missão mais de trinta religiosos de grandes talentos, com os quais trabalhei por espaço de nove anos, navegando neste tempo, água doce e salgada, mais de mil e seiscentas léguas...» Nesta sua Defesa do livro intitulado V Império... que o leitor pode ver no Volume VI — Obras várias (IV), há a descontar como menos exacta a afirmativa da opposição

que D. João IV e o Príncipe D. Teodósio hajam feito à sua partida para o Maranhão, ao menos da primeira vez; quanto ao resto, tudo poderemos considerar verdadeiro — e conforme às imperativas exigências do seu temperamento.

O tempo na Baía fora-lhe disputado por estes dois modos de acção — a pregação, frequentemente suscitada pelo acontecimento militar ou político, e a catequese do indígena, em que actuava sem outra resistência que não fosse a oferecida pela mesma moleza do Índio, pronto a receber o que logo se verificava ser incapaz de conservar.

Depois — já o sabemos — vem à Europa, percorre cortes, conversa e discute com homens de Estado, homens da Finança, planeja, combina, intriga, conhece a embriaguez do golpe que se dá e recebe, goza triunfos e ruma decepções amargas, e coroa coberta, o traje de grã substituindo a sotaina, o espadim ao lado, em vez da cruz na mão. É outro mundo, de finas delicadezas e elegantes comodidades, fulgurações do espírito e da matéria sobre que o espírito actua, mas igualmente suscitador da acção, se bem infinitamente menos plástico e simples.

Decepcionado, porém, volta ao Brasil, e

encontra na imensidão da selva amazónica o espaço amplíssimo para um espirito mal-fe-rido nas antecâmaras, onde apenas o havia para o tecer e destecer das intrigas e dos con-chavos políticos e financeiros. Encontra so-bretudo, dentro da alma, o refflorir dos seus entusiasmos e das suas generosidades de moço, torna a ouvir no mundo interior a mesma voz que tinha pronunciado o voto de que fora de-sobrigado. É em 16 de Janeiro de 1653, ao de-sembarcar em S. Luís do Maranhão, que se dá esse renovo primaveril do anseio apostólico. Escreve ao Príncipe D. Teodósio a 25 do mes-mo mês e ano: «Eu agora começo a ser reli-gioso, e espero na bondade divina que, con-forme o particularíssimo auxilio com que me vejo assistido da sua poderosa e liberal mão, acertarei a o ser, e verdadeiro padre da Com-panhia, que no conceito de V. A. ainda é mais.»

A 6 de Maio do mesmo ano, na Carta ao P.º Francisco de Moraes, é mais viva a expres-são do contentamento que lhe advém deste magnífico despertar do que de melhor sentia na alma: «Ah! quem pudera desfazer o pas-sado, e tornar atrás o tempo, e alcançar o im-possível—que o que foi não houvera sido! Mas já que isto não pode ser, Deus meu, ao me-

*nos seja o futuro emenda do passado e o que há-de ser, satisfação do que foi (...) Sabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido de um pano grosseiro cá da terra, mais pardo que preto; como farinha de pau; durmo pouco; trabalho de pela manhã à noite; gasto parte dela em me encomendar a Deus; não trato com mínima criatura; não saio fora senão a remédio de alguma alma; choro meus pecados; faço que outros chorem os seus; e o tempo que sobeja destas occupaões, levam-no os livros da Madre Teresa e outros de semelhante leitura. Finalmente, ainda que com grandes imperfeições, nenhuma cousa faço que não seja com Deus, por Deus e para Deus; e para estar na bem-aventurança só me falta vê-lo, que seria maior gosto, mas não maior felicidade.»*

*Atente-se na última frase: não seria maior felicidade o ver a Deus no Céu, do que servi-lo na Terra. Servi-lo pela acção de catequista e de pregador; deambulando, discutindo, convertendo; comunicando convicções, produzindo e ordenando factos, numa palavra, realizando-se na forma que mais grata era à sua psicologia de extroverso — formando almas e organizando coisas.*

*Era isto uma felicidade em que todas as*



suas potências, o seu ser integral participavam.

Não foi possível inserir neste volume o sermão em que teologicamente justifica esta alegria. Pregou-o na Capela interior do Colégio a jovens jesuítas que iam partir para as missões. Comentando o versículo: Porque não conheci letras, entrarei nas potências de Deus, pergunta:

«E quais são por antonomásia as potências de Deus? Criar mundos? Não. Ressuscitar mortos? Não. Obedecerem a seus acenos e tremerelem dele as jerarquias? Não. Pois quais são? — Converter e salvar almas (...) E que maior honra (já que tão pegados estamos a essas honrinhas) que maior honra que entrar eu com Deus à parte na maior obra da sua onnipotência? Quem converteu este gentio? — Deus e eu; Deus com a sua graça e eu com a minha doutrina; Deus nesta obra entrou com a sua parte e eu com a minha: Introibo in potentias Domini. Aqui não há senão cruzar as mãos, pôr o dedo na boca e confessar ou a nossa ignorância ou a nossa pouca fé».

Eis a alegria que ele preferiu às que lhe pudessem dar as borlas e os triunfos de letrado e de mestre, eis as de que ele procura insinuar o gosto nos jovens missionários. «Ali — nos

*bosques da gentildade, naquela imensa Universidade de almas — não se quebram os peitos com escrituras, nem se afogam os dias e as vidas com o penso das lições de manhã e tarde, nem se embaraçam os entendimentos com o labirinto de opiniões e de dificuldades sem saída; nem dão cuidado argumentos, nem disputas, nem conclusões, que se hão-de defender ou impugnar...» Contra as subtilizas da Escola — as largas palpitações da Vida; contra as congeminações de dificuldades sem saída — a acção sobre almas e costumes, a sementeira de colheita segura, em opimos frutos de religião e moral, que a olhos vistos iam esboçando a dilatação à bárbara Amazónia, aos sertões misteriosos do Novo Mundo, das claridades da nossa cultura, apesar de tudo, um pouco mais humana e infinitamente mais progressiva.*

*Vieira empenhava na catequese diligências que podemos reconhecer através da Relação da missão à serra de Ibiapaba, inserta no vol. V — Obras Várias (III) desta colecção, e ainda atentando neste passo do sermão acima citado:*

*«Por vezes me aconteceu estar com o ouvido aplicado à boca do bárbado e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem*

*perceber as vogais ou as consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas ou três semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas elas: umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta que pronunciadas na língua; outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo em todo o rigor que as tais línguas não se ouvem, pois se não ouve delas mais que o sonido, e não palavras dearticuladas e humanas.»*

*Eis o entusiasmo, o comovido fervor com que ele se desempenha da sua actividade missionária. Mas ensinar ao Indio os princípios e as práticas que o integrassem na nossa cultura não bastava. O Colono disputa-lhe o corpo, de que fazia a peça essencial da engrenagem agrícola ou industrial, e disputa-lho como quem os tem em número insufficiente para as suas necessidades económicas e também como quem, apesar da doutrina que se aprende e da fé que se professa, está longe de o considerar como pessoa humana, mesmo quando mergulhado na mesma pia baptismal e vivendo à sombra da mesma igreja. De aí o tom pole-*

místico, a vibração de luta que fazem de alguns dos sermões deste volume expressões de compromisso entre a tribuna forense ou parlamentar e a cadeira sagrada.

Mas há um sermão — o último do volume — que é de paternal interesse pela sorte do Colono. P. Vieira consola-o da decepção na infrutífera busca das minas. As razões que para tal consolação o pregador encontra são as mais pertinentes e persuasivas. Têm a natureza do argumentum ad hominem, a que nem falta a verdade que então se podia observar por mais de uma localidade perto de onde as minas se tinham descoberto. Topam-se mais de uma vez nos arquivos documentos que exaram as queixas dos moradores, referindo a miséria a que os quintos os reduzem, nem para pagar ao pároco lhes deixando que bastasse. E devia ser mais do que toda grata de ouvir a consolação que chamava as cobiças para a perspectiva de outras minas. As margens do Amazonas e dos seus grandes afluentes estavam cheias delas, infinitamente mais preciosas: as almas que era preciso ganhar para o Céu, como Cristo, segundo no dia se comemorava, fizera às que arrancara às lôbregas profundidades do Limbo — dizia o jesuíta; ou ganhar para a terra, para engenhos e

*lavras necessitados de braços — entendia o Colono, traduzindo em realidades concretas e quotidianas os propósitos idealistas do sacerdote.*

*O leitor tem a preceder cada sermão a nota que desenvolvidamente lhe resume o conteúdo histórico, sendo assim inútil dar a este Prefácio a larga extensão que os outros exigiram. Por tais notas poderá verificar, se se contentar de resumos, que os sermões deste como do volume anterior foram todos determinados pelas realidades vividas pelo orador e seu auditório — e isto mesmo os distinguirá dos do próximo volume, todos de temas alheios ao circunstancial.*

*Naturalmente, não couberam nas dimensões do presente volume todos os sermões de interesse para o conhecimento da actividade missionária de Vieira e seus irmãos na Ordem. São fáceis de encontrar no mercado e por isso se não julgou necessário inserir nesta colecção mais do que algumas peças da extensa obra parenética do jesuíta. Há, todavia, dois desses sermões que não foi possível aqui inserir e para os quais chamamos particularmente a atenção do leitor: a que já foi feita referência — Exortação primeira em véspera de Espírito Santo — e o Sermão da*

Epifania, pregado na Capela Real à Rainha Regente, pouco depois de o orador e outros padres da sua Companhia haverem sido expulsos do Maranhão pelo povo amotinado. Seja permitida referênciã mais larga a respeito destes dois documentos singularmente expressivos, e o último de interesse histórico, na acção da Companhia no Brasil, como nas relações entre ella e a Colónia.

O primeiro, pregado quando, em 1657, uma grande missão apostólica partia a fazer entradas pacíficas nas margens do Amazonas, mostra-nos o duplo aspecto que ali assume a actividade proselitica. Aceita-se nela o auxilio das armas, pois, tal como «o lado de Cristo de onde saiu e se formou a Igreja», foi aberto pela lança de um soldado; «assim muitas vezes é necessário que os soldados abram e franqueiem a porta, para que por essa porta aberta e franqueada se comunique o sangue da redenção e a água do baptismo». Mas, feito esse desconto comprehensível no clima espiritual de Seiscentos, todo o sermão vibra no anseio fraterno de proselitismo pela palavra persuasiva, comunicada na própria linguagem indígena pacientemente aprendida, e constitui uma formosa lição de paciência generosa aquelle afeiçoar e consolidar do Índio

na Fé. Tão facilmente a recebia como a abandonava, tal como a estátua de murta recortada pela tesoura do jardineiro: «Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sai um ramo, que lhe atravessa os olhos; sai outro que lhe descompõe as orelhas; saem dois que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas.» No fim do sermão, um apelo aos Colonos, que implica a realidade dum aspecto de modo nenhum característico, como norma da nossa colonização, mas certamente verificável em muitos casos: O orador exprime o voto de que os cristãos brancos se associem na catequese dos escravos sob seu domínio: «Tende-os cristãos e tende muitos; mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao Céu e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço, por amor de Deus e por amor de vós, e o que quisera que leváreis deste sermão metido na alma. O Espírito Santo, que hoje desceu sobre os Apóstolos e os ensinou para que eles ensinassem ao Mundo, desça sobre todos vós e vos ensine a querer ensinar ou deixar ensinar aqueles a quem deveis doutrina, para que eles por vós e vós com eles, conseguindo nesta vida

*(que tão cara vos custa) a graça, mereçais gozar na outra com grandes aumentos de glória.»*

*Em mais de um passo, mesmo nas páginas mais veementes como libelo contra as sevícias dos Colonos, se entrevê a existência de mais de uma família que anima em Vieira a convicção de que não lhe seria inútil dar conselhos desta natureza — porque com muitos casos poderia exemplificar a sua frutificação.*

*Quanto ao Sermão da Epifania, é ele o complemento do que nos diz o volume Obras Várias (III) sobre o conflito de que resultou a expulsão dos Jesuítas do Maranhão e Pará (pág. 135 e seguintes). Vieira toma nele a defesa das missões jesuíticas e fá-lo com toda a galhardia da sua combatividade destemida e toda a persuasiva energia da sua eloquência. O libelo contra os inimigos da Companhia é impressionantíssimo, no modo como se evidencia o contraste entre os egoísmos e os trabalhos dos missionários com mais de um lance de heróico martírio, além do contraste entre aqueles antigos devassadores do planeta, por eles aberto à evangelização cristã, e os do rincão do arrabalde da América, os quais, «entre as palhas de quatro choupanas que com nome de cidade de Belém puderam ser a pátria do Anti-Cristo», assim profanam e escurecem a*



*memória gloriosa, para que eloquentemente apela. Bem podemos crer que impressionasse o auditório o vigor desta eloquência, mais feita de substantivos do que de adjectivos:*

*«Quem havia de crer, que em uma colônia chamada de Portugueses, se visse a Igreja sem obediência, as censuras sem temor, o sacerdócio sem respeito e as pessoas e lugares sagrados sem imunidade? Quem havia de crer que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos religiosos e levá-los presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas públicas e tê-los aferrolhados e com guardas, até os desterrarem? Quem havia de crer que com a mesma violência e afronta lançassem de suas cristandades os pregadores do Evangelho, com escândalo nunca imaginado dos antigos cristãos, sem pejo dos novamente convertidos e à vista dos gentios atônitos e pasmados? Quem havia de crer que até aos mesmos párocos não perdoassem e que chegassem a os despojar de suas igrejas, com interdito total do culto divino e uso de seus ministérios: as igrejas ermas, os baptistérios fechados, os sacrários sem Sacramento; enfim, o mesmo Cristo privado de seus altares e Deus de seus sacrificios?»*

*Isto é o que lá se viu então; e que será hoje o que se vê e o que se não vê? Não falo dos autores e executores destes sacrilégios, tantas vezes e por tantos títulos excomungados, porque lá lhes ficam papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e míseros Índios, que são a presa e os despojos de toda esta guerra? Que será dos cristãos? Que será dos catecúmenos? Que será dos gentios? Que será dos pais, das mulheres, dos filhos e de todo o sexo e idade? Os vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacramentos, os mortos sem sufrágios nem sepultura, e tanto género de almas em extrema necessidade e sem nenhum remédio? Os pastores, parte presos e desterrados, parte metidos pelas brenhas, os rebanhos despedaçados, as ovelhas ou roubadas ou perdidas, os lobos famintos, fartos agora de sangue, sem resistência, a liberdade por mil modos trocada em servidão e cativoiro; e*

*só a cobiça, a tirania, a sensualidade e o Inferno contentes. E que a tudo isto se atrevessem e atrevam homens com nome de portugueses e em tempo de rei português!»*

*A citação é longa, mas o trecho é de Vieira e assim se justificará que acrescentemos a este passo, de linguagem directa, sem outra arte que não seja a de reduzir a exposição à substância dos factos observados, outro onde a imaginação intervém, mas sobretudo para dar relevo à realidade com que se quer impressionar o auditório:*

*«E suposto que é assim, qual pode ser a causa? Com serem tão notáveis os efeitos, ainda a causa é mais notável. Toda a causa de nos perseguirem aqueles chamados cristãos, é porque fazemos pelos gentios o que Cristo fez pelos Magos: Procidentes adoraverunt eum; et responso accepto, ne redient ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.*

*Toda a providência divina com os Magos consistiu em duas acções: primeira, em os trazer aos pés de Cristo por um caminho; segunda, em os livrar das mãos de Herodes por outro. Não fora grande sem-razão, não fora grande injustiça, não fora grande impiedade, trazer os Magos a Cristo e depois entregá-los a Herodes? — Pois estas são as culpas daqueles pregadores de Cristo e esta a única causa por que se vêem e os vedes tão perseguidos. Querem que tragamos os gentios à Fé e que os entreguemos à cobiça; querem que tragamos as ovelhas ao rebanho e que as entreguemos ao cutelo; querem que tragamos os Magos a Cristo e que os entreguemos a Herodes. E porque encontramos esta sem-razão, nós somos os desarrazoados; porque resistimos a esta injustiça, nós somos os injustos; porque contradizemos esta impiedade, nós somos os ímpios.»*

· Todo o sermão estremece desta emoção de desforço e deste apelo para remédio urgente. É assim uma peça indispensável no processo que se queira formar sobre a tumultuosa expulsão dos Padres de Santo Inácio do Estado onde mais larga e eficiente foi a acção missionária de Vieira.

Eis porque alongámos as transcrições. Fique, em certa medida, inclusa essa peça de excepcional relevo e vida, no volume destinado a conter o que de mais importante foi suscitado na parenética de Vieira pela mais simpática das suas actividades.

HERNANI CIDADE

## SERMÃO DÉCIMO QUARTO

(DA SÉRIE—«MARIA, ROSA MÍSTICA»)

Pregado na Baía, à Irmandade dos Pretos de um Engenho, em dia de S. João Evangelista, ano de 1633

*Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. — Mat. I.*

### I

Não é cousa nova, posto que grande e singular, que o Evangelista S. João receba em sua casa a Virgem Mãe de Deus, e Mãe sua. Nem é cousa nova que as festas do mesmo S. João as honre e autorize a Virgem Santíssima com a majestade e favores de sua presença. Nem é cousa nova, finalmente, que o que havia de ser panegírico do

---

#### *O conteúdo histórico do sermão:*

Sendo, como se diz em nota que o acompanha na edição *princeps* dos *Sermões*, o primeiro que Vieira pregou antes de ser sacerdote, é de prever que nele exercite as suas capacidades de dialecta escolástico, no uso e abuso dos textos da Escritura. Tratando-se de sermão pregado a uma confraria de pretos, o abuso excede todas as medidas, porque, para que fosse entendido, era necessário que todo o auditório fosse constituído pelos *cultos* da Academia dos

*(Continua na página seguinte)*

---

Trad. do tema: *Maria, da qual nasceu Jesus, que foi chamado Cristo.*

I

Evangelista seja sermão do rosário. Tudo isto que já foi em diferentes dias, temos junto e concordado hoje no concurso da presente solenidade.

5 Não é cousa nova que o Evangelista S. João receba em sua casa a que é Mãe de Deus e sua; porque naquele grande dia em que lhe coube por legado no

---

Generosos... Num sermão que se não transcreve, impõe-se Vieira explicitamente a obrigação de ser claro: «*Procurarei que seja com tal clareza (o mostrar aos pretos como se devem portar no seu calvário) que todos me entendais. Mas, quando assim não suceda... ao menos contentar-me-ei que me entendam vossos senhores, para que eles mais devagar vos ensinem o que a vós e também a eles muito importa saber.*» Neste sermão, a preocupação de mostrar ao público branco a sua capacidade de acróbata daquela ginástica mental que no tempo se exigia ao orador, é superior, parece, ao interesse de converter à devoção do rosário o escuro auditório.

Para ganhar o bom nome que lhe resultaria de vencer as dificuldades, ele mesmo as pôs de relevo: «mas havendo de pregar, não sobre este (o assunto do nascimento de Cristo), senão sobre outros assuntos, e esses não livres, senão forçados; e sendo os mesmos assuntos não menos que três e todos três tão diversos, como os poderei eu fundar sobre a estreiteza de umas palavras que só nos dizem que Jesus Cristo nasceu de Maria — *Maria de qua natus est Jesus?*»

Encarecida assim a dificuldade, estava garantido o aplauso à vitória que o juvenil e audacioso engenho estava seguro de alcançar. E alcançou-a, com efeito! Mas também insinuou muito da sua humaníssima piedade pelos escravos, em meio do aparato das erudições e das subtilidades. E o leitor o verá, na descrição realística do engenho do açúcar e do trabalho dos ciclopes que o realizam, no confronto entre a dureza dos senhores e a humildade dos míseros que os servem. Palavras de tal teor jamais haviam soado em púlpitos cristãos e coroam tudo quanto no volume consagrado à *Defesa dos Índios* patenteia os esforços do missionário para melhorar a sorte dos escravos.

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

testamento do Redentor do Mundo, não com menor título que de Mãe, a que era Mãe do mesmo Cristo: *Ecce Mater tua*, logo então e desde a mesma hora recebeu S. João a Senhora em sua casa, para nela  
5 assistir e servir, como fez por toda a vida: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua*. E isto é o que torna a fazer hoje o mesmo Evangelista; porque chamando-se em frase dos sagrados ritos casa própria de cada um dos santos aquele dia que a Igreja de-  
10 dicou à sua celebridade, nesse dia e nesta casa recebe hoje S. João a Senhora, dando-lhe nela o lugar devido, que é o primeiro e principal. Nem é cousa nova que as festas de S. João as honre e autorize a Virgem Santíssima com a majestade e  
15 favores de sua presença; porque nas vodas de Caná de Galileia o ser S. João o esposo foi a razão de se achar ali a Senhora: *Et erat Mater Jesu ibi*. E se foi da sua piedade e assistência a conversão da água em vinho, não foi menor graça ou milagre da  
20 Virgem das virgens que S. João, por imitar sua virginal pureza, renunciasse então o matrimónio e o convertesse em celibato. Finalmente, não é cousa nova que o que havia de ser panegírico do Evangelista seja sermão do rosário; porque, como se  
25 refere nas histórias dominicanas, indo o Patriarca S. Domingos para pregar de S. João em tal dia como hoje, ao tempo que recolhido a uma capela da mesma igreja se estava encomendando a Deus, lhe apareceu a Virgem Maria e lhe mandou que  
30 deixasse o sermão que tinha meditado de S. João

---

3. S. João, XIX, 27.  
17. *Ibid.*, II, 1.

e pregasse do seu rosário. Fê-lo assim o grande patriarca dos pregadores, e o fruto do sermão que pelo zelo e eficácia do pregador sempre costumava ser grande, pela graça e virtude de quem o mandou  
5 pregar, foi naquela ocasião muito maior e mais patente, com igual proveito e admiração dos ouvintes.

Mas que fará cercado das mesmas obrigações, tantas e tão grandes, quem não só falta de semelhante espírito, mas novo ou noviço no exercício  
10 e na arte, é esta a primeira vez que, subido indignamente a tão sagrado lugar, há-de falar dele em público? Vós, soberana Rainha dos anjos e dos homens e Mãe da sabedoria incriada (a quem humil-  
15 demente dedico as primícias daquelas ignorâncias que ainda se não podem chamar estudos, como única Protectora deles), pois o dia e assunto é, Senhora, de vossos maiores mistérios, vos dignai de me assistir com a luz ou sombra da graça com  
20 que a virtude do Altíssimo no primeiro de todos voz fez fecunda. *Ave Maria.*

## II

Temos hoje (por outro modo do que já o disse) três dias em um dia e três festas em uma festa: o dia e a festa de S. João, o dia e a festa da Senhora  
25 do Rosário e o dia e a festa dos pretos seus devotos.

---

II. Diz a 1.<sup>a</sup> ed.: «Foi a primeira vez que o autor pregou em público antes de ser sacerdote.»

E quando fora necessário termos também três Evangelhos, um só Evangelho que nos propõe a Igreja, qual é? — Posto que largo em nomes e gerações, é tão breve e resumido no que finalmente vem a  
5 dizer, que todo se encerra na cláusula que tomei por tema: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*. Se o sermão houvera de ser do nascimento de Cristo, que é a solenidade do oitavário corrente, não podia haver outro texto, nem mais  
10 próprio do tempo, nem mais acomodado ao mistério; mas havendo de pregar, não sobre este, senão sobre outros assuntos, e esses não livres senão forçados; e sendo os mesmos assuntos não menos que três e todos três tão diversos, como os poderei eu  
15 fundar sobre a estreiteza de umas palavras, que só nos dizem que Jesus Cristo nasceu de Maria: *Maria de qua natus est Jesus?*

Suposto pois que nem é lícito ao pregador (se quer ser pregador) apartar-se do tema, nem o tema  
20 nos oferece outra cousa mais que um Filho nascido de Maria; multiplicando este nascimento em três nascimentos, este nascido em três nascidos, este Filho em três filhos, todos três nascidos de Maria Santíssima, esta mesma será a matéria do sermão,  
25 dividido também em três partes. Na primeira veremos, com novo nascimento, nascido de Maria a Jesus, na segunda, com outro novo nascimento, nascido de Maria a S. João, e na terceira, também

---

3. Assim ocorre na 1.<sup>a</sup> ed., não havendo, pois, direito a pôr a frase em paralelismo com as anteriores: ...*três Evangelhos em um só Evangelho... Qual é?* Significa: qual é o Evangelho (ou a cláusula evangélica) que pode resumir três Evangelhos?

6-7. S. Mateus, I, 16.



com novo nascimento, nascidos de Maria aos pretos seus devotos. Dêem-me eles principalmente a atenção que devem, e destes três nascimentos outros tantos motivos com que reconheçam a obrigação que  
 5 têm de amar, venerar e servir a Virgem, Senhora nossa, como Mãe de Jesus, como Mãe de S. João e como Mãe sua.

III

Primeiramente digo que temos hoje nascido de Maria a Cristo, Senhor nosso, não como nasceu há  
 10 três dias, mas com outro nascimento novo. E que novo nascimento é este? — É o nascimento com que nasceu da mesma Mãe daqui a trinta e três anos, não em Belém, senão em Jerusalém. Isto é o que diz o nosso texto; e provo: *Maria de qua natus est*  
 15 *Jesus, qui vocatur Christus*: «Maria da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo». Cristo quer dizer unguido, Jesus quer dizer Salvador. E quando foi Cristo salvador, e quando foi unguido? — Foi unguido na encarnação, e foi salvador na cruz. Foi unguido na  
 20 encarnação, quando, unindo Deus a si a humanidade de Cristo, a exaltou sobre todas as criaturas, como diz David: *Unxit te Deus, Deus tuus, oleo lætitiæ præ consortibus tuis*. E foi salvador na cruz, quando, por meio da morte e pelo preço de seu san-  
 25 gue, salvou o género humano, como diz S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis; propter quod et Deus exaltavit illum et donavit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genu flectatur*. Logo, quando

22-23. Salmo XLIV, 8.

25-28. Filip., II, 8.

Cristo, Senhor nosso, nasceu em Belém, pròpria-  
mente nasceu Cristo, mas não nasceu Jesus, nem  
Salvador: nasceu Cristo, porque já estava un-  
5 se uniu à humanidade; e não nasceu Jesus nem Sal-  
vador, porque ainda não tinha remido o Mundo,  
nem o havia de remir e salvar senão em Jerusalém  
daí a trinta e três anos.

Fala o Profeta Isaías do parto virginal de Maria  
10 Santíssima (como notaram S. Gregório Nisseno e  
S. João Damasceno) e diz assim: *Antequam partu-  
raret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit  
masculum*. Na primeira cláusula diz que pariu a  
Senhora antes das dores do parto, que isso quer  
15 dizer: *Antequam parturiret*: e na segunda diz que  
pariu antes do parto: *Antequam veniret partus ejus  
peperit*. Não é necessário que nós dificultemos o  
passo, porque o mesmo Profeta confessa que disse  
uma cousa inaudita, e que nunca se viu semelhante:  
20 *Quis audivit unquam tale, et quis vidit huic simile?*  
Que a bendita entre todas as mulheres saísse à luz  
com o fruto bendito de seu ventre sem padecer  
dores, privilégio era devido à pureza virginal com  
que o concebeu, e assim o confessa a nossa Fé. Mas  
25 que parisse antes do parto: *Antequam veniret par-  
tus ejus*; como se pode entender, senão supondo na  
mesma Senhora dois partos do mesmo Filho, e su-  
pondo também que o primeiro parto foi sem dores,  
e o segundo com dores? — Assim foi, e assim o diz:  
30 quem? — o nosso portuguez Santo António, que é  
bem preceda agora a todos os outros Doutores da

---

11-13. *Isaías*, LXVI, 7.

20. *Ibid.*, 8.

- Igreja, pois falamos na sua: *Beatae Mariae duplex fuit partus: unus in carne, alius in spiritu. Partus carnis fuit virgineus, et omni gaudio plenus, quia peperit sine dolore gaudium Angelorum. Secundus*
- 5 *partus fuit dolorosus, et omni amaritudine plenus, in Filii ejus passione, cujus animam pertransivit gladius.* Sabeis porque faz menção Isaías de dois partos da Virgem Beatíssima, e no primeiro nega as
- 10 dores, e no segundo não? — A razão é (diz o Mestre seráfico) porque este foi o modo e a diferença com que «a Senhora pariu ao seu bendito Filho, não uma, senão duas vezes: a primeira vez sem dores, antes com júbilos de alegria, quando entre cantares de anjos o pariu no presépio; a segunda vez com
- 15 dores e cheia de amarguras, quando trespassada da espada de Simeão o tornou a parir ao pé da cruz.» Uma vez nascido Cristo em Belém, e outra vez nascido em Jerusalém; uma vez nascido no princípio da vida e outra vez nascido no fim dela; uma vez
- 20 trinta e três anos antes, e outra vez trinta e três anos depois; que por isso o Profeta, falando deste segundo parto, disse advertidamente: *Antequam veniret partus ejus:* porque um parto depois do outro havia de tardar em vir tantos anos.
- 25 E posto que bastava por prova da minha proposta a autoridade de tão grande intérprete das Escrituras como Santo António, a quem por essa causa chamaram os oráculos de Roma — *Arca do Testamento* — diga-nos o mesmo o Evangelista S. João
- 30 com texto mais claro que o de Isaías. No capítulo

---

9-10. O *Mestre seráfico* é Santo António. O trecho que vem entre comas é a tradução livre do seu latim.

doze do seu *Apocalipse* viu S. João aquela mulher  
tão prodigiosa, a quem vestia o Sol, calçava a Lua  
e coroavam as estrelas; e diz que chegada a hora do  
parto, foram não só grandes, mas terríveis as dores  
5 com que pariu um Filho varão, o qual havia de ser  
Senhor do Mundo e Governador de todas as gentes:  
*Cruciabatur ut pariat; et peperit filium masculum,*  
*qui recturus erat omnes gentes.* Esta mulher pro-  
digiosa, em cujo ornato se empenharam e despen-  
10 deram todas as luzes do céu, era a Virgem Santís-  
sima; o Filho, Senhor do Mundo e que havia de  
governar todas as gentes, era Cristo, Governador  
do Universo e Senhor dele. Mas se o parto da mesma  
Virgem foi isento de toda a dor e moléstia, que do-  
15 res e que tormentos são estes com que agora S. João  
a viu parir, não outro, senão o mesmo Filho?

A palavra *cruciabatur*, que é derivada da cruz,  
basta por comento de todo o texto. O Filho era o  
mesmo e a Mãe a mesma, mas o parto da Mãe e o  
20 nascimento do Filho não era o mesmo, senão muito  
diverso. Era o segundo nascimento do Filho, em  
que por modo superior a toda a natureza havia de  
nascer, morrendo. E porque este segundo nasci-  
mento foi entre dores, tormentos e afrontas, e com  
25 os braços pregados nos de uma cruz, por isso a  
mesma cruz do nascimento do Filho foi também a  
cruz do parto da Mãe: *Et cruciabatur ut pariat.*

Nasceu o Filho crucificado na sua cruz, e pariu-o  
a Mãe crucificada na cruz do Filho; e se pergun-  
30 tarmos (que é o que só nos resta) porque o Filho  
no segundo nascimento nasceu assim e a Mãe o

pariu do mesmo modo? — A razão, como dizia ao princípio, não foi outra senão porque Cristo, no primeiro parto, nasceu pròpriamente *Cristo*, e neste segundo nasceu pròpriamente *Jesus*. Esta foi a diferença com que o anjo anteontem anunciou aos

5 pastores o nascimento do mesmo Cristo: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus*: Alegrai-vos, «porque hoje nasceu o Salvador, que é Cristo.» Notai que não disse: *Qui est Salvator*,

10 assim como disse: *Qui est Christus*; porque o Menino nascido já era Cristo, mas ainda não era Salvador. Havia de ser Salvador, e para ser Salvador nascia, mas ainda o não era. Cristo sim — *qui est Christus* — porque já estava unguido na dignidade

15 de Filho de Deus, mas na de Jesus e de Salvador ainda não; porque essa não a havia de receber no presépio, senão na cruz. *Factus obediens usque ad mortem crucis, ut in nomine Jesu omne genu flectatur*. E aqui é que pròpriamente nasceu Jesus, e

20 não de outra mãe, senão da mesma Virgem Maria: *Maria de qua natus est Jesus*.

IV

O segundo filho da mesma Virgem Maria e nascido também no Calvário e com novo e segundo nascimento, foi S. João. E que seria se disséssemos

25 que também neste nascimento se verifica o nosso texto? O em que agora reparo nas palavras — *de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus* — é que este *vocatur* parece impróprio e este *Christus* supér-

---

3-4. S. Lucas, II, 11.

fluo. O nome próprio do Filho de Deus e Filho de Maria é Jesus: este nome lhe foi posto no dia da circuncisão, e assim o tinha revelado o Anjo antes de ser concebido: *Vocatum est nomen ejus Jesus,*  
 5 *quod vocatum est ab angelo priusquam in utero conciperetur.* Logo, o *vocatur* aplicado não ao nome de *Jesus*, senão ao sobrenome *Christus*, parece impróprio; e o mesmo sobrenome *Christus* também parece supérfluo, porque só seria necessário para  
 10 distinguir um Jesus de outro Jesus. Porventura há outro Jesus, e nascido de Maria, que se não chame Cristo? — Digo que sim. Há um Jesus filho de Maria que se chama Cristo, e há outro Jesus também filho de Maria que se chama João. E por isso o  
 15 Evangelista, para distinguir um Jesus de outro Jesus, e um filho de Maria de outro filho de Maria, não supérflua, senão necessariamente, acrescentou ao nome o sobrenome, e não só disse: Maria, da qual nasceu Jesus, senão: Maria, da qual nasceu  
 20 Jesus, que se chama Cristo.

Quando o mesmo Cristo estava na cruz, disse a sua Santíssima Mãe: *Ecce filius tuus*; estas palavras eram equívocas, e mais naturalmente se podiam entender do mesmo Cristo que as dizia, do que de  
 25 outro por quem as dissesse. E como tirou o Senhor esta equivocação? — Tirou-a com os olhos e com a inclinação da cabeça, que só tinha livre, apontando para João. Bem. Mas porque não disse: — Este é outro filho que vos deixo em meu lugar, senão —  
 30 Este é o vosso filho: *Ecce fillius tuus?* — Não há

---

4-6. S. Lucas, II, 21.

22. S. João, XIX, 27.

dúvida, responde Orígenes, que, falando o Senhor por estes termos, quis significar declaradamente que ele e João não se distinguiam, e que João não era outro filho da Senhora, senão o mesmo Jesus, que  
 5 ela gerara e dela nascera. Notai as palavras, que não podem ser mais próprias, e a razão que não pode ser mais subida: *Nam si nullus est Mariæ filius præterquam Jesus, dixitque Jesus: Ecce filius tuus; perinde est, ac si dixisset: hic est Jesus quem*  
 10 *genuisti*. Pois se Jesus e João eram dois, e tão infinitamente diversos: Jesus o Senhor e João o servo; Jesus o Mestre e João o discípulo; Jesus o Criador e João a criatura; Jesus o Filho de Deus e João o filho de Zebedeu; como era ou como podia ser João  
 15 não outro filho, senão o mesmo filho, nem outro Jesus, senão o mesmo Jesus que a Senhora gerara: *Hic est Jesus quem genuisti?* S. Pedro Damião reconhece aqui um mistério semelhante ao do Sacramento; mas eu, sem recorrer a milagre, entendo que  
 20 tudo isto se decifra e verifica com ser João o amado: *Discipulus, quem diligebat*. Era o amado? Logo era outro, e era o mesmo Jesus. Em quanto Jesus e João eram o mesmo por amor, eram um só Jesus; e em quanto João por realidade era outro, eram  
 25 dois Jesus.

Os filósofos antigos, definindo a verdadeira amizade, qual naquele tempo era ou qual devia ser, disseram: *Amicus est alter ego*: «o amigo é outro

7-10. Trad.: Porque se não há outro filho de Maria senão Jesus, e Jesus disse: «Eis o teu filho», é, portanto, o mesmo que se tivesse dito: «este é o Jesus a quem geraste.» Orígenes, *Præfatio in Evangelium Joanis*.

17. S. P. Damião era cardeal arcebispo de Óstia, autor escriturário.

21 S. João, XXI, 20.

eu». Logo, em quanto o amigo é eu, *ego*, eu e ele  
somos um; e em quanto ele é outro, *alter*, ele e eu  
somos dois, mas ambos os mesmos, e isto é o que  
5 obrou sem milagre por transformação recíproca o  
amor de Jesus em João. A mesma Antiguidade nos  
dará o exemplo.

Depois da famosa vitória de Alexandre Magno  
contra el-rei Dario, foi trazida a rainha mãe diante  
do mesmo Alexandre, a cujo lado assistia seu grande  
10 privado Efestião. E como a rainha fizesse a reve-  
rência a Efestião, cuidando que ele era o Magno,  
por ser mais avultado de estatura, e, avisada do seu  
erro, o quisesse desculpar, acudiu Alexandre, como  
refere Cúrcio, com estas palavras: *Non errasti, ma-*  
15 *ter, namque et hic Alexander est:* «não errastes, Se-  
nhora, porque este também é Alexandre.» Assim o  
disse o grande monarca, mais como discípulo de  
Aristóteles, que como filho de Filipe. E se o amor  
(que eu aqui tenho por político e falso) ou fazia ou  
20 fingia que Alexandre e Efestião fossem dois Alexan-  
dres: *Namque et hic Alexander est;* o amor verda-  
deiro e sobrenatural da parte de Cristo, divino, e  
da parte de João, mais que humano, porque não  
fariam que Jesus e João fossem dois Jesus? — Não  
25 há dúvida que naquele passo estavam dois Jesus no  
Calvário, um na cruz, outro ao pé dela.

Quando Eliseu disse a Elias: — *Fiat in me duplex*  
*spiritus tuus*, não me posso persuadir que lhe pe-  
disse dobrado espírito do que era seu; porque seria  
30 demasiada presunção de discípulo para mestre; o  
que quis dizer foi que o espírito de Elias se dobrasse



- e multiplicasse em ambos, e que Elias o levasse, pois se ia, e o deixasse a Eliseu, pois ficava. E neste caso, se o espírito de Elias fosse com Elias e ficasse com Eliseu, Elias porventura seria um só Elias? —
- 5 De nenhum modo — diz S. João Crisóstomo. Dobrou-se o espírito de Elias e multiplicou-se em Eliseu, como ele tinha pedido; mas então não houve um só Elias, senão dois Elias: *Erat duplex Elias ille; et sursum Elias, et deorsum Elias*. Arrebatou
- 10 o carro de fogo a Elias, e no mesmo tempo e no mesmo lugar, diz Crisóstomo, se viram então dois Elias, um em cima, outro em baixo; um no ar, outro na terra; um no carro, outro ao pé dele: *Et sursum Elias, et deorsum Elias*.
- 15 O mesmo se viu no nosso caso. O carro triunfal em que o Redentor do Mundo triunfou da morte, do pecado e do Inferno, foi a Cruz: levantado nela o Senhor, partia-se o Mestre e ficava o discípulo. Mas como? — Como Elias e Eliseu. E assim como
- 20 Elias e Eliseu eram dois Elias — *Duplex Elias* —, assim Jesus e João eram dois Jesus; e assim como lá um Elias se via em cima, outro em baixo — *Et sursum Elias, et deorsum Elias* — assim cá também um Jesus estava em cima, outro Jesus em baixo;
- 25 um no ar, outro na terra; um na cruz, outro ao pé da cruz. E para que ninguém duvidasse que o milagre com que Jesus se tinha dobrado e multiplicado em João, era por virtude e transformação do amor, o mesmo João advertidamente não se chamou aqui João, senão o amado: *Cum vidisset Jesus*
- 30 *Matrem et discipulum stantem quem diligebat*.

---

8-9. *Homilia — De Elia.*  
30-31. *S. João, XIX, 26.*

Sendo pois João por transformação do amor outro Jesus e Jesus e João dois Jesus, com razão acrescentou o Evangelista ao nome de Jesus o sobrenome de Cristo: *Jesus qui vocatur Christus*; para distinguir um Jesus de outro Jesus.

5 Nem basta por distinção o declarar que era Filho de Maria, e de Maria nascera: *Maria, de qua natus est*; porque no mesmo lugar do Calvário, onde Cristo, em quanto Jesus, nasceu segunda vez de  
10 sua Santíssima Mãe (como dissemos), também S. João com segundo nascimento nasceu da mesma Senhora, sendo João desde aquele ponto filho de Maria: *Ecce filius tuus*; e Maria Mãe de João: *Ecce Mater tua*; e por isso no mesmo tempo e no mesmo  
15 lugar Mãe de dois Jesus: um Jesus que se chama João, e outro Jesus que se chama Cristo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*.

V

O terceiro nascimento de que também se verificam as mesmas palavras é o dos pretos, devotos da  
20 mesma Senhora, os quais também são seus filhos, e também nascidos entre as dores da cruz. O Profeta-rei, falando da Virgem Maria debaixo da metáfora de Jerusalém (a que muitas vezes é comparada, porque ambas foram morada de Deus) diz  
25 assim: *Homo, et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Altissimus*. «Nasceu nela o homem e mais o homem; e quem a fundou foi esse mesmo Altíssimo». Estas segundas palavras declaram o

---

27-28. Salmo LXXXVI, 5.

sentido das primeiras, e de umas e outras se con-  
 vence que o mesmo Deus que criou a Maria é o  
 homem que nasceu de Maria. Em quanto homem,  
 nasceu dela: *Homo natus est in ea*: e esse mesmo,  
 5 em quanto Deus, a criou a ela: *Et ipse fundavit*  
*eam Altissimus*. Assim o diz e prova com evidência  
 Santo Agostinho. Mas o Profeta ainda diz mais,  
 porque não só diz que nasceu da Senhora esse  
 homem, que, em quanto Deus, a criou, senão que  
 10 nasceu dela o homem e mais o homem: *Homo, et*  
*homo natus est in ea*.

Se um destes homens nascidos de Maria é Deus,  
 o outro homem, também nascido de Maria, quem é?  
 — É todo o homem que tem a fé e conhecimento de  
 15 Cristo, de qualquer qualidade, de qualquer nação  
 e de qualquer cor que seja, ainda que a cor seja  
 tão diferente da dos outros homens como é a dos  
 pretos. Assim o diz o mesmo texto tão claramente,  
 que nomeia os mesmos pretos por sua própria na-  
 20 ção e por seu próprio nome: *Memor ero Rahab et*  
*Babylonis scientium me: Ecce alienigenæ et Tyrus*  
*et populus Æthiopum hi fuerunt illic*. Nasceram da  
 Mãe do Altíssimo não só os da sua nação, e naturais  
 de Jerusalém, a que é comparada, senão também  
 25 os estranhos e os gentios — *Alienigenæ*. E que gen-  
 tios são estes? — *Rahab*: os Cananeus, que eram  
 brancos; *Babylonis*: os Babilónios, que também  
 eram brancos; *Tyrus*: os Tírios, que eram mais  
 brancos ainda; e sobre todos, e em maior número  
 30 que todos, *Populus Æthiopum*: o povo dos Etíopes,  
 que são os pretos. De maneira que vós, os pretos,  
 que tão humilde figura fazeis no Mundo e na esti-

---

20-22. *Ibid.*, III, 4.

mação dos homens, por vosso próprio nome e por  
vossa própria nação, estais escritos e matriculados  
nos livros de Deus e nas Sagradas Escrituras; e não  
com menos título nem com menos foro que de Filhos  
5 da Mãe do mesmo Deus: *Et populus Æthyopum hi  
fuerunt illic.*

E posto que o texto é tão claro e literal que não  
admite dúvida, ouçamos o comento de Santo Tomás,  
arcebispo de Valença: *Æthyopes non abjicit Virgo  
10 decora, sed amplectitur ut parvulos, diligit ut filios.  
Sciant ergo ipsam matrem etenim quia Altissimi  
mater est, Æthyopum matrem nominari non dedi-  
gnatur.* O Profeta pôs no último lugar os Etíopes e  
os pretos; porque este é o lugar que lhes dá o Mundo,  
15 e a baixa estimação com que são tratados dos outros  
homens, filhos de Adão como eles. Porém, «a Vir-  
gem Senhora, sendo Mãe do Altíssimo, não os des-  
preza, nem se despreza de os ter por filhos; antes,  
porque é Mãe do Altíssimo, por isso mesmo se preza  
20 de ser também sua Mãe»: *Etenim quia Altissimi  
mater est, Æthyopum matrem nominari non dedi-  
gnatur.* Saibam pois os pretos, e não duvidem que  
a mesma Mãe de Deus é Mãe sua: *Sciant ergo  
ipsam matrem:* e saibam que com ser uma Senhora  
25 tão soberana, é Mãe tão amorosa, que «assim peque-  
nos como são, os ama e tem por filhos»: *Amplectitur  
ut parvulos, diligit ut filios.* Atéqui Santo Tomás.

E se me perguntarem os curiosos quando alcan-  
çaram os pretos esta dignidade de filhos da Mãe de  
30 Deus, respondo que no monte Calvário, e ao pé  
da cruz, no mesmo dia e no mesmo lugar em que  
o mesmo Cristo, em quanto Jesus e em quanto

---

13. De Thoma a Viela Nova. (N. de V.). Autor de  
sermões vários (séc. XVII).

- Salvador, nasceu com segundo nascimento da Virgem Maria: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*. Este parece o ponto mais difícil desta terceira proposta. Mas assim o diz
- 5 com propriedade e circunstância admirável o mesmo texto de David. Porque os Etíopes, que no corpo do Salmo se chamam nomeadamente *filhos da Senhora*, no título do mesmo Salmo se chamam *filhos de Coré: In finem filiis Core pro arcanis*.
- 10 Esta palavra — *pro arcanis* — nota e manda advertir que se encerra aqui um grande mistério. E que mistério tem chamarem-se estes filhos da Virgem Maria filhos também de Coré? — Santo Agostinho, na exposição do mesmo Salmo: *Magni*
- 15 *Sacramenti est, ut dicantur filii Core, quia Core interpretatur Calvaria. Ergo filii passionis illius, filii redempti sanguine illius, filii crucis illius. Core* na língua hebreia quer dizer *Calvário*, e chamam-se
- 20 filhos do Calvário e filhos da paixão de Cristo, e filhos da sua cruz os mesmos que neste texto se chamam nomeadamente filhos da Virgem Maria; porque quando no Calvário e ao pé da cruz nasceu da Virgem Maria com segundo nascimento seu benditíssimo Filho, em quando Jesus e Salvador do
- 25 Mundo, então nasceram também com segundo nascimento da mesma Senhora todos os outros filhos das outras nações que o Profeta nomeia, e entre eles com tão especial menção os Etíopes, que são os pretos: *Et populus Æthyopum, hi fuerunt illic*. De sorte
- 30 que, assim como no Calvário e ao pé da cruz, nasceu de Maria com segundo nascimento Cristo, e assim como no Calvário e ao pé da cruz nasceu de Maria com segundo nascimento S. João, assim ao pé da cruz nasceram também com segundo nasci-

OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÔNIO VIEIRA

mento da mesma Virgem Maria os pretos, verificando-se de todos os três nascimentos, por diferente modo, o texto do nosso tema: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

5     Estou vendo que cuidam alguns que são isto encarecimentos e lisonjas daquelas com que os pregadores costumam louvar os devotos nos dias da sua festa. Mas é tanto pelo contrário, que tudo o que tenho dito é verdade certa e infalível, e não  
10 com menor certeza que de fé católica. Os Etíopes de que fala o texto de David não são todos os pretos universalmente, porque muitos deles são gentios nas suas terras; mas fala somente daqueles que eu também falo, que são os que, por mercê de Deus  
15 e de sua Santíssima Mãe, por meio da fé e conhecimento de Cristo e por virtude do baptismo, são cristãos. Assim o notou o mesmo Profeta no mesmo texto: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me, et populus Æthyopum, hi fuerunt illic.* Na-  
20 quele *scientium me* está a diferença de uns a outros. E porquê, ou como? — Porque todos os que têm a fé e conhecimento de Cristo, e são cristãos, são membros de Cristo; e os que são membros de Cristo não podem deixar de ser filhos da mesma Mãe de  
25 que nasceu Cristo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Que sejam verdadeiramente membros de Cristo é proposição expressa de S. Paulo, não menos que em três lugares. Deixo os dois, e só repito o do  
30 Capítulo XII aos Coríntios: *Sicut enim corpus unum est, membra habet multa, omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus*

---

30-33. I Coríntios, XII, 12.

*sunt; ita et Christus. Etenim in uno spiritu omnes nos in unum corpus baptizati sumus:* «Assim como o corpo tem muitos membros, e sendo os membros muitos, o corpo é só um; assim — diz S. Paulo —

5 sendo Cristo um e os cristãos muitos, de Cristo e dos cristãos se compõe um só corpo; porque todos os cristãos por virtude da fé e do baptismo são membros de Cristo.» E porque não cuidassem os que são fiéis e senhores que os pretos, por terem

10 sido gentios e serem cativos, são de inferior condição, acrescenta o mesmo S. Paulo que isto tanto se entende dos Hebreus, que eram fiéis, como dos gentios; e tanto dos cativos e dos escravos como dos livres e dos senhores: *Etenim omnes in unum cor-*

15 *pus baptizari sumus sive judæi, sive gentiles, sive servi, sive liberi.* E como todos os Cristãos, posto que fossem gentios e sejam escravos, pela fé e baptismo estão encorporados em Cristo e são membros de Cristo, por isso a Virgem Maria, Mãe de

20 Cristo, é também Mãe sua, porque não seria Mãe de todo Cristo, se não fosse Mãe de todos seus membros. Excelentemente Guilherme Abade: *In uno Salvatore omnium Jesu, plurimos Maria peperit ad salutem. Eo ipso quod mater est capitis, multorum*

25 *membrorum mater est. Mater Christi Mater est membrorum Christi, quia caput et corpus unus est Christus.*

---

14-16. *Ibid.*, 13.

22-27. *Guillielmus Abbas. (N. de V.)*. Trad.: *Em um só Jesus, Salvador de todos, pariu Maria muitos para a salvação. Por isso que é mãe da cabeça, é também mãe dos membros. A Mãe de Cristo é Mãe dos membros de Cristo, porque Cristo é uma só cabeça e um só corpo.*

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>a</sup> ANTÓNIO VIEIRA

Não se pudera dizer com melhores palavras, nem mais próprias; mas eu quero que no-lo diga com as suas e nos feche todo este discurso a Escritura Sagrada. Quando Nicodemos de mestre da Lei se fez  
5 discípulo de Cristo, disse-lhe o Senhor três cousas notáveis: A primeira, que para ele, Nicodemos, e qualquer outro se salvar, era necessário nascer de novo: *Nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre regnum Dei.* A segunda, que ninguém sobe ao  
10 Céu, senão quem desceu do Céu: *Nemo ascendit in Cælum, nisi qui descendit de Cælo.* A terceira, que para isto se conseguir, havia de morrer em uma cruz o mesmo Cristo: *Oportet exaltari Filium hominis.*

15 Se o texto se fizera para o nosso caso, não pudera vir mais medido com todas as suas circunstâncias. Quanto à primeira, replicou Nicodemos, dizendo: — *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suæ iterato introire et renasci?* «Como é possível que um homem velho como eu sou, haja de nascer de novo? Porventura há-de tornar a entrar no ventre de sua mãe para nascer outra vez?» Pareceu-lhe ao Doutor que esta  
20 instância era muito forte; mas o Divino Mestre lhe ensinou que este segundo e novo nascimento era «por virtude do baptismo, sem o qual ninguém se pode salvar»: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei.* E quanto à mãe de que haviam de tornar a nascer  
30 os que assim fossem regenerados, acrescentou o



mesmo Senhor que essa mãe era a mesma Virgem Maria, Mãe sua.

Isto querem dizer as segundas palavras de Cristo, posto que o não pareça, nem até agora se tenha reparado nelas. Quando o Senhor disse que ninguém  
5 sobe ao Céu senão quem desceu do Céu, juntamente declarou que este que desceu do Céu era o mesmo Cristo. Filho da Virgem: *Nemo ascendit in Cælum, nisi quid descendit de Cælo, Filius hominis qui est*  
10 *in Cælo*. Pois, porque Cristo desceu do Céu, por isso todos os que sobem ao Céu desceram também do Céu? — Sim. Porque ninguém pode subir ao Céu, senão encorporando-se com Cristo, como todos nos encorporamos com ele e nos fazemos membros do  
15 mesmo Cristo por meio da fé e do baptismo; de onde se seguem duas cousas: a primeira, que assim como ele desceu do Céu, assim nós, por sermos membros seus, também descemos nele e com ele: *Nemo ascendit in Cælum, nisi qui descendit de Cælo*. A se-  
20 gunda, que assim como ele desceu do Céu, fazendo-se Filho da Virgem Maria, *Filius hominis qui est in Cælo*, assim nós também ficámos sendo filhos da mesma Virgem, porque somos membros verdadeiros do verdadeiro Filho que dela nasceu; e final-  
25 mente, porque este segundo e novo nascimento não foi o de Belém, senão o de Jerusalém; nem o do presépio, senão o do Calvário; por isso conclui o Senhor, que para este segundo nascimento se conseguir, era necessário que ele morresse na cruz; *Oportet exaltari Filium hominis*. Vejam agora os pretos  
30 se por todos os títulos ou circunstâncias de Etíopes, de baptizados, de nascidos com segundo nascimento, de nascidos no Calvário e nascidos não de outra Mãe, senão da mesma Mãe de Jesus, se verifica

também deles, como membros de Cristo, o nascimento com que o mesmo Cristo segunda vez nasceu de Maria: *Maria, de que natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

VI

5 Parece-me que tenho provado os três nascimentos que prometi. E posto que todos três sejam muito conformes às circunstâncias do tempo — o de Cristo, porque continuamos a oitava do seu nascimento; o  
10 de S. João, porque estamos no seu próprio dia; e o dos pretos, porque celebramos com eles a devoção da Virgem Santíssima, Mãe de Cristo, Mãe de S. João e Mãe sua — sobre estas três grandes propriedades temos ainda outras três muito mais próprias: e quais são? — Que unidos estes três nascimen-  
15 tos em um mesmo intento, todos e cada um deles se ordenam a declarar e persuadir a devoção do rosário, e do rosário particularmente dos pretos, e dos pretos em particular que trabalham neste e nos outros engenhos. Não são estas as circunstâncias  
20 mais individuais do lugar, das pessoas e da festa e devoção que celebramos — pois todas elas nascem daqueles três nascimentos. O novo nascimento dos mesmos pretos, como filhos da Mãe de Deus, lhes mostra a obrigação que têm de servir, venerar e  
25 invocar a mesma Senhora com o seu rosário. O novo nascimento de Cristo os persuade a que, sem embargo do contínuo e grande trabalho em que estão ocupados, nem por isso se esqueçam da soberana Mãe sua, e de lhe rezar o rosário, ao menos parte,  
30 quando não possam todo. E, finalmente, o novo nascimento de S. João lhes ensina quais são, entre os

5 mistérios do rosário, os que mais pertencem ao seu estado, e com que devem aliviar, santificar e oferecer à Senhora o seu mesmo trabalho. Este é o fim de quanto tenho dito e me resta por dizer; e este também o fruto de que mais se serve e agrada a Virgem do Rosário, e com que haverá por bem festejado o seu dia. E porque agora falo mais particularmente com os pretos, agora lhes peço mais particular atenção.

10 Começando pois pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como  
15 gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na Fé, vivais como cristãos e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós e disto mesmo que vos digo, que mil anos antes de vir ao Mundo o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. Virá  
20 tempo, diz David, em que os Etíopes (que sois vós) deixada a gentilidade e idolatria, se hão-de ajoelhar diante do verdadeiro Deus; *Coram illo procident Æthyopes*; e que farão assim ajoelhados? — Não baterão as palmas como costumam, mas, fazendo  
25 oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus: *Æthiopia præveniet manus ejus Deo*. E quando se cumpriram estas duas profecias, uma do salmo setenta e uma e outra do salmo sessenta e sete? — Cumpriram-se principalmente depois que os Portugueses  
30 conquistaram a Etiópia ocidental, e estão-se cum-

---

22-23. *Salmo*, LXXI, 9.

24-25. *Ibid.*, LXVII, 32.

OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTONIO VIEIRA

prindo hoje mais e melhor que em nenhuma outra parte do Mundo nesta da América, aonde trazidos os mesmos Etíopes em tão inumerável número, todos com os joelhos em terra e com as mãos levantadas  
5 ao Céu, crêem, confessam e adoram no rosário da Senhora todos os mistérios da encarnação, morte e ressurreição do Criador e Redentor do Mundo, como verdadeiro Filho de Deus e da Virgem Maria. Assim como Deus na Lei da Natureza escolheu a Abraão,  
10 e na Escrita a Moisés, e na da Graça a Saúo, não pelos serviços que lhe tivessem feito, mas pelos que depois lhe haviam de fazer; assim a Mãe de Deus, antevendo esta vossa fé, esta vossa piedade e esta  
15 vossa devoção, vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão diferentes nações, e vos trouxe ao grémio da Igreja, para que lá, como vossos pais, vos não perdêsseis, e cá, como filhos seus, vos salvásseis. Este é o maior e mais universal milagre de quantos  
20 faz cada dia e tem feito por seus devotos a Senhora do Rosário.

Falando o texto sagrado dos filhos de Coré, que, como já dissemos, são os filhos da Senhora nascidos no calvário, diz que, «perecendo seu pai, eles não pereceram, e que isto foi um grande milagre»: *Factum*  
25 *est grande miraculum, ut, Core pereunte, filii illius non perirent*. Não pereceram nem morreram os filhos, quando perecem e morrem os pais, é cousa muito natural, antes é lei ordinária da mesma Natureza, porque, se com os pais morreram juntamente  
30 os filhos, acabar-se-ia o Mundo. Como diz logo o texto sagrado, que não morrerem e perecerem os

filhos de Coré, quando morreu e pereceu seu pai, não só foi milagre, senão um grande milagre: *Factum est grande miraculum?* Ouvi o caso todo, e logo vereis em que consistiu o milagre e sua grandeza.

- 5 Caminhando os filhos de Israel pelo deserto em demanda da Terra de Promissão, rebelaram-se contra Deus três cabeças de grandes famílias — Dathan, Abiron e Coré; e querendo a divina justiça castigar exemplarmente a atrocidade deste delicto, abriu-se
- 10 súbitamente a terra, tragou vivos aos três delinquentes, e em um momento todos três com portento nunca visto foram sepultados no Inferno. Houve porém neste caso uma diferença ou excepção muito notável, e foi que com Dathan e Abiron pereceram
- 15 juntamente e foram também tragados da terra e sepultados no Inferno seus filhos; mas os de Coré não, e este é o que a Escritura chama grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut. Core pereunte, filii illius non perirent.* Abrir-se a terra não
- 20 foi milagre? — Sim, foi. Serem tragados vivos os três delinquentes não foi outro milagre? — Também. Irem todos em corpo e alma ao Inferno antes do dia do juízo, não foi terceiro milagre? — Sim, e muito mais estupendo. E contudo, o milagre que a Escri-
- 25 tura Sagrada pondera e chama grande milagre não foi nenhum destes, senão o perecer Coré, e não perecerem seus filhos; porque o milagre e a mais extraordinária mercê que Deus pode fazer aos filhos de pais rebeldes ao mesmo Deus é que, quando os pais
- 30 se condenam e vão ao Inferno, eles não pereçam e se salvem.

Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus e a sua Santíssima Mãe por este que

pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre e grande milagre! Dizei-me: vossos pais, que nasceram nas trevas da Gentilidade, e nela vivem e acabam a vida sem lume da Fé nem conhecimento de Deus, aonde vão depois de mortos? —  
5 Todos, como já credes e confessais, vão ao Inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda a eternidade. E que perecendo todos eles e sendo sepultados no Inferno como Coré, vós, que sois seus filhos, vos  
10 salveis e vades ao Céu! Vede se é grande milagre da providência e misericórdia divina: *Factum est grande miraculum, ut Core pereunte, filii illius non perirent*. Os filhos de Dathan e Abiron pereceram com seus pais, porque seguiram com eles a mesma  
15 rebelião e cegueira; e outro tanto vos pudera succeder a vós. Pelo contrário, os filhos de Coré, perecendo ele, salvaram-se, porque reconheceram, veneraram e obedeceram a Deus; e esta é a singular felicidade do vosso estado, verdadeiramente milagroso.  
20 Só resta mostrar-vos que este grande milagre, como dizia, é milagre do rosário, e que esta eleição e diferença tão notável a deveis à Virgem Santíssima vossa Mãe, e por ser Mãe vossa. Isac, filho de Abraão (de quem vossos antepassados tomaram por  
25 honra a divisa da circuncisão, que ainda conservam, e do qual muitos de vós descendeis por via de Ismael, meio irmão do mesmo Isaac); este Isaac, digo, tinha dois filhos, um chamado Jacob, que levou a bênção do Céu, e outro chamado Esaú, que  
30 perdeu a mesma bênção. Tudo isto succedeu em um mesmo dia, em que Esaú andava pelos matos armado de arco e frechas, como andam vossos pais por essas brenhas da Etiópia: e pelo contrário Jacob estava em casa de seu pai e de sua mãe, como vós

hoje estais em casa de Deus e da Virgem Maria.  
 E porque levou a bênção Jacob e a perdeu Esaú?  
 — Porque concorreram para a felicidade de Jacob  
 duas cousas, ou duas causas que a Esaú faltaram  
 5 ambas: A primeira foi porque Rebeca (que era o  
 nome da mãe) não amava a Esaú, senão a Jacob,  
 e fez grandes diligências e empregou toda a sua  
 indústria em que ele levasse a bênção. A segunda,  
 porque, estando duvidoso o pai se lhe daria a bên-  
 10 ção ou não, sentiu que os vestidos de Jacob lhe  
 cheiravam a rosas e flores: e «tanto que sentiu este  
 cheiro e esta fragrância, logo lhe deitou a bênção.»  
 Assim o nota expressamente o texto: *Statimque, ut*  
 15 *sensit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens*  
*illi, ait: Ecce odor filii mei, sicut odor agri pleni,*  
*cui benedixit Dominus: det tibi Deus de rore*  
*cœli, etc.*

Uma e outra circunstância, assim da parte da  
 mãe como do pai, foram admiráveis e por isso mis-  
 20 teriosas. Da parte da mãe, que sendo Jacob e Esaú  
 irmãos, amasse com tanto diferença a Jacob; e da  
 parte do pai, que um acidente que parecia tão leve,  
 como o cheiro das flores, lhe tirasse toda a dúvida,  
 e fosse o último motivo para lhe dar a bênção. Mas  
 25 assim havia de ser, para que o mistério se cumprisse  
 com toda a propriedade nas figuras e acções que o  
 representavam. Isaac significava a Deus. Rebeca a  
 Virgem Mãe, Jacob os seus filhos escolhidos, que  
 sois vós, e Esaú os reprovados, que são os que, sendo

---

13-17. Génesis, XXVII, 32. Falta à tradução a última  
 cláusula: *Eis o cheiro do meu filho, que é como o do campo*  
*aberto, que Deus abençoou: Deus te dê do orvalho do*  
*Céu.*

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

do vosso mesmo sangue e da vossa mesma cor, não alcançaram a bênção que vós alcançastes. Para que entendais que toda esta graça do Céu a deveis referir a duas causas: a primeira ao amor e piedade da  
5 Virgem Santíssima, vossa Mãe; a segunda à devoção do seu rosário, que é o cheiro das rosas e flores, que tanto elevam e agradam a Deus.

Dos sacrifícios antigos, quando Deus os aceitava, diz a Sagrada Escritura que lhe agradava muito o  
10 cheiro e suavidade deles: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis*. E a razão era porque naqueles sacrifícios se representavam os mistérios da vida e morte de seu benditíssimo Filho. E como na devoção do rosário se contém a memória e consideração  
15 dos mesmos mistérios, este é o cheiro e fragância que tanto nele agrada e tão aceito é a Deus. Em vós, antes de serdes cristãos, somente era futuro este cheiro das flores do rosário, que hoje é presente, como também eram futuros naquele tempo os  
20 mistérios de Cristo; mas assim como o merecimento destes mistérios, antes de serem, somente porque haviam de ser, davam eficácia àqueles sacrifícios; assim a vossa devoção do rosário futura, e quando ainda não era, só porque Deus e sua Mãe a anteviram  
25 com a aceitação e agrado que dela recebem, vos preferiram e antepuseram aos demais das vossas nações e vos tiveram por dignos da bênção que hoje gozais, tanto maior e melhor que a de Jacob, quanto vai da Terra ao Céu. Para que todos conheçais o motivo principal da vossa felicidade, e a obrigação em  
30 que ela vos tem posto de não faltar a Deus e a sua Santíssima Mãe com este cotidiano tributo da vossa devoção.

10-11. *Génesis*, II, 11.



hoje estais em casa de Deus e da Virgem Maria.  
 E porque levou a bênção Jacob e a perdeu Esaú?  
 — Porque concorreram para a felicidade de Jacob  
 duas cousas, ou duas causas que a Esaú faltaram  
 5 ambas: A primeira foi porque Rebeca (que era o  
 nome da mãe) não amava a Esaú, senão a Jacob,  
 e fez grandes diligências e empregou toda a sua  
 indústria em que ele levasse a bênção. A segunda,  
 10 porque, estando duvidoso o pai se lhe daria a bên-  
 ção ou não, sentiu que os vestidos de Jacob lhe  
 cheiravam a rosas e flores; e «tanto que sentiu este  
 cheiro e esta fragrância, logo lhe deitou a bênção.»  
 Assim o nota expressamente o texto: *Statimque, ut*  
 15 *sensit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens*  
*illi, ait: Ecce odor filii mei, sicut odor agri pleni,*  
*cui benedixit Dominus: det tibi Deus de rore*  
*caeli, etc.*

Uma e outra circunstância, assim da parte da  
 mãe como do pai, foram admiráveis e por isso mis-  
 20 teriosas. Da parte da mãe, que sendo Jacob e Esaú  
 irmãos, amasse com tanto diferença a Jacob; e da  
 parte do pai, que um acidente que parecia tão leve,  
 como o cheiro das flores, lhe tirasse toda a dúvida,  
 e fosse o último motivo para lhe dar a bênção. Mas  
 25 assim havia de ser, para que o mistério se cumprisse  
 com toda a propriedade nas figuras e acções que o  
 representavam. Isaac significava a Deus. Rebeca a  
 Virgem Mãe, Jacob os seus filhos escolhidos, que  
 sois vós, e Esaú os reprovados, que são os que, sendo

---

13-17. *Génesis, XXVII, 32.* Falta à tradução a última  
 cláusula: *Eis o cheiro do meu filho, que é como o do campo*  
*aberto, que Deus abençoou: Deus te dê do orvalho do*  
*Céu.*

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTONIO VIEIRA

do vosso mesmo sangue e da vossa mesma cor, não alcançaram a bênção que vós alcançastes. Para que entendais que toda esta graça do Céu a deveis referir a duas causas: a primeira ao amor e piedade da  
5 Virgem Santíssima, vossa Mãe; a segunda à devoção do seu rosário, que é o cheiro das rosas e flores, que tanto elevam e agradam a Deus.

Dos sacrifícios antigos, quando Deus os aceitava, diz a Sagrada Escritura que lhe agradava muito o  
10 cheiro e suavidade deles: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis*. E a razão era porque naqueles sacrifícios se representavam os mistérios da vida e morte de seu benditíssimo Filho. E como na devoção do rosário se contém a memória e consideração  
15 dos mesmos mistérios, este é o cheiro e fragância que tanto nele agrada e tão aceito é a Deus. Em vós, antes de serdes cristãos, somente era futuro este cheiro das flores do rosário, que hoje é presente, como também eram futuros naquele tempo os  
20 mistérios de Cristo; mas assim como o merecimento destes mistérios, antes de serem, somente porque haviam de ser, davam eficácia àqueles sacrifícios; assim a vossa devoção do rosário futura, e quando ainda não era, só porque Deus e sua Mãe a anteviram  
25 com a aceitação e agrado que dela recebem, vos preferiram e antepuseram aos demais das vossas nações e vos tiveram por dignos da bênção que hoje gozais, tanto maior e melhor que a de Jacob, quanto vai da Terra ao Céu. Para que todos conheçais o motivo principal da vossa felicidade, e a obrigação em  
30 que ela vos tem posto de não faltar a Deus e a sua Santíssima Mãe com este cotidiano tributo da vossa devoção.

10-11. *Génesis*, II, 11.

VII

Estou vendo porém que o vosso contínuo trabalho e exercício pode parecer ou servir de escusa a descuido dos menos devotos. Direis que estais trabalhando de dia e de noite em um engenho, e que as  
 5 tarefas multiplicadas umas sobre outras (que talvez entram e se penetram com os dias santos) vos não deixam tempo nem lugar para rezar o rosário. Mas aqui entra o novo nascimento de Cristo, segunda  
 10 vez nascido no Calvário, para com seu divino exemplo e imitação refutar a fraqueza desta vossa desculpa, e vos ensinar como no meio do maior trabalho vos não haveis de esquecer da devoção de sua Mãe, pois o é também vossa, oferecendo-lhe ao menos alguma parte, quando cômodamente não possa  
 15 ser todo.

David (aquele santo rei, que também teve netos na Etiópia, filhos de seu filho Salomão e da rainha Sabá) entre os salmos que compôs, foram três particulares, aos quais deu por título: *Pro torcularibus*,  
 20 que em frase do Brasil quer dizer — *para os engenhos*. Este nome *torcularia*, universalmente tomado, significa todos aqueles lugares e instrumentos em que se espreme e tira o sumo dos frutos, como em Europa o vinho e o azeite, que lá se chamam lagares; e porque estes em que no Brasil se faz o mesmo  
 25 às canas-doces e se espreme, coze e endurece o sumo delas, têm maior e mais engenhosa fábrica, se chamaram vulgarmente *engenhos*. Se perguntarmos pois: — qual foi o fim e intento de David em com-

---

19. *Salmo VIII, 1.*

por e intitular aqueles salmos nomeadamente para estas oficinas? — respondem os Doutores hebreus, e com eles Paulo Burgense, que o intento que teve o santo rei, e fez se praticasse em todo o povo de Israel, foi que os trabalhadores das mesmas oficinas  
5 ajuntassem o trabalho com a oração, e em lugar de outros cantares com que se costumam aliviar, cantassem hinos e salmos; e pois recolham e aproveitavam os frutos da terra, não fossem eles estéreis, e  
10 louvassem ao Criador que os dá.

Notável empenho por certo, e de suma edificação, que entre os grandes negócios e governo da monarquia tivesse um rei estes cuidados! E que confusão pelo contrário será para os que se chamam senhores  
15 de engenho, se atentos sòmente aos interesses temporais, que se adquirem com este desumano trabalho, dos trabalhadores seus escravos e das almas daqueles miseráveis corpos tiverem tão pouco cuidado, que não tratem de que louvem e sirvam a  
20 Deus, mas nem ainda de que o conheçam!

Tornando aos salmos compostos para os engenhos (que depois veremos porque foram três) declara David no título do último quem sejam os operários destas trabalhosas oficinas, e diz que são os filhos de  
25 Coré: *Pro torcularibus filiis Core*. Segundo a propriedade da história já dissemos que os filhos de Coré são os pretos filhos da Virgem Santíssima e devotos do seu rosário. Segundo a significação do nome, porque *Coré* na língua hebraica significa *Cal-*  
30 *vário*, diz Hugo Cardeal que são os imitadores da

---

3. Paulo Burgense de Santa Maria, autor de *Scrutinium Scripturarum*.

21. Salmo, LXXXIII, 1.

cruz e paixão de Cristo crucificado: *Filiis Core, id est, imitatoribus Christi in loco Calvariae crucifixi.*

5 Não pudera nem melhor nem mais altamente descrever que cousa é ser escravo em um engenho do Brasil. Não há trabalho, nem género de vida no Mundo mais parecido à cruz e paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos: O *fortunati nimium sua, si bona norint!* Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e com a  
10 conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado — *Imitatoribus Christi crucifixi* — porque  
15 padecéis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu da sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na paixão: uma vez servindo para o ceptro de escárneo e outra  
20 vez para a esponja em que lhe deram o fel. A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo! Os ferros, as pri  
25 sões, os açoutes, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. Só lhe faltava à cruz para a  
30 inteira e perfeita semelhança o nome de engenho; mas este mesmo lhe deu Cristo não com outro, senão com o próprio vocábulo. *Torcular* se chama o vosso engenho ou a vossa cruz, e a de Cristo por boca do

227279 C.

mesmo Cristo se chamou também *Torcular*: *Torcular calcavi solus*. Em todas as invenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu, que o vosso.

- 5 A propriedade e energia desta comparação é porque no instrumento da cruz e na oficina de toda a paixão, assim como nas outras em que se espreme o sumo dos frutos, assim foi espremido todo o sangue da humanidade sagrada: *Eo quod sanguis ejus ibi*  
 10 *fuit expressus, sicut sanguis uvæ in torculari*, diz Lirano: *Et hoc in spineæ coronæ impositione, in flagellatione, in pedum et manuum confixione et in lateris apertione*. E se então se queixava o Senhor de padecer só — *torcular calcavi solus* — e de não  
 15 haver nenhum dos Gentios que o acompanhasse em suas penas — *et de gentibus non est vir mecum* — vede vós quanto estimará agora que os que ontem foram gentios, conformando-se com a vontade de Deus na sua sorte, lhe façam por imitação tão boa  
 20 companhia!

- Mas para que esta primeira parte da imitação dos trabalhos da cruz o seja também nos affectos (que é a segunda e principal); assim como no meio dos seus trabalhos e tormentos se não esqueceu o Senhor  
 25 de sua piedosíssima Mãe, encomendando-a ao discípulo amado, assim vos não haveis vós de esquecer da mesma Senhora, encomendando-vos muito particularmente na sua memória e oferecendo-lhe a vossa. Depois de Cristo na cruz dar o Reino do Céu ao Bom Ladrão, então falou com sua Mãe; e parece  
 30

1-2. *Isaias*, LXIII, 3.

16. *Ibid.*

227279  
 1955



que este, e não aquele, havia de ser o seu primeiro cuidado; mas seguiu o Senhor esta ordem, diz Santo Ambrósio, para mostrar, segundo as mesmas leis da natureza, que mais fazia em ter da própria Mãe

5 esta lembrança, que em dar a um estranho o Reino: *Pluris putans quod pietatis officia dividebat, quam quod regnum cœleste donabat.* Ao Ladrão deu Cristo menos do que lhe pediu e à Mãe deu muito mais do que tinha dado ao Ladrão; porque o La-

10 drão pediu-lhe a memória, e deu-lhe o Reino, e à Mãe deu-lhe muito mais que o Reino, porque lhe deu a memória. Esta memória haveis de oferecer à Senhora em meio de vossos trabalhos, à imitação de seu Filho, e não duvideis ou cuideis que lhe seja

15 menos aceita a vossa, antes em certo modo mais. Porquê? — Porque nas Ave-Marias do vosso rosário a fazeis com palavras de maior consolação do que as que lhe disse o mesmo Filho, conformando-se com o estado presente. O Filho chamou-lhe *Mulher*,

20 e vós chamar-lhe-eis a *Bendita entre todas as mulheres*: o Filho não lhe deu o nome de *Mãe*, e vós a invocareis cento e cinquenta vezes com o nome de *Santa Maria, Mãe de Deus*. Oh quão adoçada ficará a dureza, e quão enobrecida a vileza dos

25 vossos trabalhos na harmonia destas vozes do Céu e quão preciosas seriam diante de Deus as vossas penas e aflições, se juntamente lhas oferecerdes em união das que a Virgem Mãe sua padeceu ao pé da cruz!

30 E porque a continuação do vosso mesmo trabalho vos não pareça bastante escusa para faltardes com vossas orações a esta pensão de cada dia, adverti que, se o vosso rosário consta de três partes, estando Cristo vivo na cruz sòmente três horas, nessas três

OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

horas orou três vezes. Pois se Cristo ora três vezes em três horas, sendo tão insofríveis os trabalhos da sua cruz; vós, por grandes que sejam os vossos, porque não orareis três vezes em vinte e quatro

5 horas? Dir-me-eis que as orações que fez Cristo na cruz foram muito breves. Mas nisso mesmo vos quis dar exemplo e vos deixou uma grande consolação, para que quando, ou apertados do tempo ou opri-

10 midos do trabalho, não puderdes rezar o rosário inteiro, não falteis ao menos em rezar parte, consolando-vos com saber que nem por isso as vossas orações abreviadas serão menos aceitas a Deus e a sua Mãe, assim como o foram as de Cristo a seu Eterno Pai.

15 Agora acabareis de entender por que razão os salmos que David compôs para os que trabalham nos engenhos foram somente três. Lede-os ou leiam-nos por vós os que os entendem, e acharão que só três se intitulam: *Pro torcularibus*. E porque três, nem

20 mais, nem menos? — Porque em três partes, nem mais, nem menos, dividiu David o seu *Saltério*, e a Senhora o seu rosário. O que hoje chamamos rosário, antes que as Ave-Marias se convertessem milagrosamente em rosas, chamava-se *Saltério da Vir-*

25 *gem*; porque, assim como o *Saltério* era composto de cento e cinquenta salmos, assim o rosário se compõe de cento e cinquenta saudações angélicas. Que fez pois David, como rei pio e como profeta? — Como rei pio, que atendia ao bem presente do seu reino,

30 vendo que os trabalhadores dos lagares não podiam rezar o *Saltério* inteiro e tão comprido como é, recopilou e abreviou o mesmo *Saltério*, e reduziu as três partes de que é composto, aos três salmos que intitulou: *Pro torcularibus*. E como profeta que via os



tempos futuros, e o rosário que havia de compor a Mãe do que se havia de chamar Filho de David, à imitação do seu *Saltério*, introduziu no mesmo *Saltério*, já abreviado e reduzido a três salmos, os

5 três mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, em que está repartido o rosário. Assim foi e assim se vê claramente nos mesmos três salmos. Porque o primeiro, que é o Salmo oito, tendo por expositor a S. Paulo, contém os mistérios da encarnação e infância do

10 Salvador: *Ex ore infantium et lactentim perfecisti laudem*. O segundo, que é o Salmo oitenta, contém os mistérios da cruz e da redenção, representados na do Egipto: *Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Ægypti*. E o terceiro, que é o Salmo

15 oitenta e três, contém os mistérios da glória e da ascensão: *Beatus vir, cujus est auxilium abs te, ascensiones in corde suo disposuit, in valle lachrymarum...*

Assim pois, como os trabalhadores hebreus (que

20 eram os fiéis daquele tempo) no exercício dos seus lagares meditavam e cantavam o *Saltério* de David recopilado naqueles três salmos, porque não podiam todo; ao mesmo modo de vós, quando não possais rezar todo o rosário da Senhora, ao menos parte das

25 três partes em que ele se divide, haveis de aliviar e santificar o peso do vosso trabalho na memória e louvores dos seus mistérios. E este foi finalmente o exemplo e exemplar que vos deixou Cristo nas três

30 breves orações da sua cruz. Porque, se bem advertirdes, em todas três, pela mesma ordem do rosário,

---

10-11. *Salmo VIII, 3.*

13-14. *Ibid., LXXX, 9.*

16-18. *Ibid., LXXXIII, 6 e 7.*

se contêm os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Os gloriosos na terceira, em que encomendou sua alma nas mãos do Padre, partindo-se deste Mundo para a glória: *Pater, in manus tuas commendo*  
5 *spiritum meum*. Os dolorosos na segunda, em que amorosamente queixoso publicou a altas vozes o excesso das suas dores: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* E os gozosos, rogando pelos mesmos que o estavam pregando na cruz e alegando  
10 que não sabiam o que faziam: *Non enim sciunt quid faciunt*, porque eles o crucificavam para o atormentarem, e ele se gozava muito de que o crucificassem, como declarou S. Paulo: *Proposito sibi gaudio sustinuit crucem*.

VIII

15 Resta o último e excelente documento de S. João, também nova e segunda vez nascido ao pé da cruz. E qual é este documento? — Que entre todos os mistérios do rosário, haveis de ser mais particularmente devotos dos que são mais próprios do vosso estado,  
20 da vossa vida e da vossa fortuna, que são os mistérios dolorosos. A todos os mistérios dolorosos (e assim aos outros) se achou presente S. João. Assistiu ao do Horto com os dois discípulos; assistiu ao dos açoutes com a Virgem Santíssima no pretório de  
25 Pilatos; assistiu do mesmo modo, e no mesmo lugar,

---

4-5. S. Lucas, XXIII, 46.

7-8. S. Mateus, XXVII, 46.

10-11. S. Lucas, XXIII, 34.

13-14. Hebreus, XII, 2.

à coroação de espinhos; seguiu ao Senhor com a cruz às costas até o monte Calvário, e no mesmo Calvário se não apartou do seu lado, até expirar e ser levado à sepultura. Estes foram os mistérios próprios do discípulo amado, que como a dor se mede pelo amor, a ele competiam os mais dolorosos. Estes foram os seus, e estes devem ser os vossos, e não só por devoção ou eleição, nem só por condição e semelhança da vossa cruz, mas por direito hereditário desde o primeiro etíope ou preto que conheceu a Cristo e se baptizou. É caso muito digno de que o saibais.

Apareceu um anjo a S. Filipe Diácono e disse-lhe que se fosse pôr na estrada de Gaza. Posto na estrada, tornou-lhe a aparecer e disse-lhe que se chegasse a uma carroça que por ali passava. Chegou e viu que ia na carroça um homem preto, que era criado da rainha da Etiópia, e ouviu que ia lendo pelo profeta Isaías. O lugar em que estava era aquele famoso texto do capítulo cinquenta e três, em que o Profeta descreve, mais claramente que nenhum outro, a morte, paixão e paciência de Cristo: *Tanquam ovis ad occisionem ductus est, et sicut agnus coram tondente se, sine voce, sic non aperuit os suum*, etc. Perguntou-lhe o Diácono se entendia o que estava lendo, e como respondesse que não e lhe pedisse que lho declarasse, foi tal a declaração, que, chegando depois ambos a um rio, o etíope pediu ao santo que o baptizasse. E este foi o primeiro gentio, depois de Cornélio romano, e o primeiro preto cristão que houve no Mundo.

---

23-25. *Actos*. VIII, 32; *Isaías*, LIII, 7.

Tudo nesta história, que é dos *Actos dos Apóstolos*, referida por S. Lucas, são mistérios. Mistério foi o primeiro aviso do Anjo ao santo Diácono, e mistério o segundo; mistério que um gentio fosse lendo pela Sagrada Escritura, e mistério que caminhando a fosse lendo; mistério que o Profeta que lia fosse Isaías, e mistério, sobre todos misterioso, que o lugar fosse da paixão e paciência de Cristo; porque, para dar ocasião ao Diácono de pregar a Fé a um gentio, bastava que fosse qualquer outro. Pois porque ordenou Deus que fosse sinaladamente aquele lugar, em que se descrevia a sua paixão, e os tormentos com que havia de ser maltratado, e a paciência, sujeição e silêncio com que os havia de suportar? — Sem dúvida, porque neste primeiro etíope, tão antecipadamente convertido, se representavam todos os homens da sua cor e da sua nação, que depois se converteram. Assim o dizem S. Jerónimo e Santo Agostinho, e o provam com o texto de David: *Æthiopia præveniet manus ejus Deo*. E como a natureza gerou os pretos da mesma cor da sua fortuna, *Infelix genus hominum et ad servitutem natum*, quis Deus que nascessem à Fé debaixo do signo da sua paixão, e que ela, assim como lhe havia de ser o exemplo para a paciência, lhe fosse também o alívio para o trabalho. Enfim, que todos os mistérios da vida, morte e ressurreição de Cristo, os que pertencem por condição aos pretos, e como por herança, são os dolorosos.

30 Destes devem ser mais devotos, e nestes se devem

---

20. *Salmo LXVII*, 32 e 33.  
 22-23. Mafeo (João Pedro), jesuíta italiano (1533-1603), autor da *Historia de las Indias*, etc.

mais exercitar, acompanhando a Cristo neles, como fez S. João na sua cruz. Mas assim como entre todos os mistérios do rosário, estes são os que mais propriamente pertencem aos pretos, assim entre todos os  
 5 pretos, os que mais particularmente os devem imitar e meditar, são os que servem e trabalham nos engenhos, pela semelhança e rigor do mesmo trabalho. Encarecendo o mesmo Redentor o muito que padeceu em sua sagrada paixão, que são os mistérios  
 10 dolorosos, compara as suas dores às penas do Inferno: *Dolores inferni circumdederunt me.*

E que cousa há na confusão deste Mundo mais semelhante ao Inferno, que qualquer destes vossos engenhos, e tanto mais, quanto de maior fábrica?  
 15 Por isso foi tão bem recebida aquela breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de açúcar *doce inferno*. E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo  
 20 a borbotões de cada uma pelas duas bocas ou ventas, por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como robustos, que subministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvem e atijam; as caldeiras  
 25 ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da  
 30 mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tréguas, nem

---

II. Salmo XVII, 6.

de descanso; quem vir enfim toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilónia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de Inferno. Mas se  
 5 entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos.

10 Grande texto de David: Estava vendo David essas mesmas fornalhas do Inferno e essas mesmas caldeiras ferventes; e profetizando literalmente dos que viu atados a elas, escreveu aquelas difíceis pala-  
 15 *bras: Si dormiatis inter medios cleros pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri. Cleros quer dizer lebetes, ou, como verte com maior propriedade Vatablo: Si dormiatis inter medias caldarias, vasaque plena fulligine.* Diz pois o Profeta: «Se passardes as noites entre as caldeiras e  
 20 entre esses grandes vasos fuliginosos» e tismados como o fumo e labaredas das fornalhas; que haveis de fazer, ou que vos há-de suceder? Agora entra o difíceis das palavras: *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri:* «Penas e asas  
 25 de pomba prateadas por uma parte, e douradas por outra.» E que tem que ver a pomba com o triste escravo e negro Etíope, que entre todas as aves só é parecido ao corvo? Que tem que ver a prata e o ouro com o cobre da caldeira, e o ferro da corrente

---

14-16. *Ibid.*, LXVII, 14. Trad.: *Se dormirdes em meio dos enxames, sereis como as penas da pomba argentada, e os remates do lombo dela em amarelo de ovo.*

a que está atado? Que tem que ver a liberdade de uma ave com penas e asas para voar, com a prisão do que se não pode bulir dali por meses e anos, e talvez por toda a vida? — Aqui vereis quais são os  
 5 poderes e transformações que obra o rosário nos que oram e meditam os mistérios dolorosos.

A pomba na Sagrada Escritura, como consta de infinitos lugares, não só é símbolo da oração e meditação absolutamente, senão dos que oram e meditam  
 10 em casos dolorosos; por isso el-rei Ezequias nas suas dores dizia: *Meditabor ut columba*. E a razão desta propriedade e semelhança, é porque a pomba, com os seus arrulhos, não canta como as outras aves, mas geme. Quer dizer pois o Profeta, e diz admirável-  
 15 mente falando convosco na mais miserável circunstância desse Inferno da terra: *Si dormiatis inter medias caldarias, vasaque plena fulligine*: se não só de dia, mas de noite vos virdes atados a essas caldeiras com uma forte cadeia, que só vos deixe livres as  
 20 mãos para o trabalho, e não os pés para dar um passo, nem por isso vos desconsolis e desanimeis: orai e meditai os mistérios dolorosos, acompanhando a Cristo neles, como S. João; nessa triste servidão de miserável escravo tereis o que eu desejava, sendo  
 25 rei, quando dizia: *Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et volabo, et requiescam*: «Oh quem me dera asas como de pomba para voar e descansar!» E estas são as mesmas que eu vos prometo no meio dessa miséria: *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora ejus in pallore auri*; porque é tal a virtude  
 30

---

II. *Isaías*, XXXVIII, 14.  
 25-26. *Salmo*, LIV, 6.

dos mistérios dolorosos da paixão de Cristo para os que orando os meditam, gemendo como pomba, que o ferro se lhes converte em prata, o cobre em ouro, a prisão em liberdade, o trabalho em descanso, o inferno em paraíso, e os mesmos homens, posto que pretos, em anjos.

Dizei-me: que cousa é um anjo? — Os anjos não são outra cousa senão homens com asas; e esta figura não lha deram os pintores, senão o mesmo Deus, que assim os mostrou a Isaías, e assim os mandou esculpir no Templo. Pois essas são as asas prateadas e douradas com que desse vosso inferno vos viu David voar ao Céu para cantar o rosário no mesmo coro com os anjos. Nem vos meta em desconfiança a vossa cor, nem as vossas fornalhas, porque na fornalha de Babilónia, onde o Mestre da capela era o Filho de Deus, no mesmo coro meteu as noites com os dias: *Benedicite noctes et dies Domino*. Antes vos digo (e notai muito isto para vossa consolação) que se no Céu não entraram as vossas vozes com as dos anjos, o rosário que lá se canta não seria perfeito. Consta de muitas revelações e visões de santos, que os anjos no Céu também rezam ou cantam o rosário; por sinal que ao nome de Maria fazem uma profunda inclinação, e ao nome de Jesus se ajoelham todos; e digo que, entrando vós no mesmo coro, será o rosário dos anjos mais perfeito do que é sem vós; porque a perfeição do rosário consiste em se conformar quem o reza com os mistérios que nele se meditam, gozando-se com os gozosos, doendo-se com os dolorosos e gloriando-se com os gloriosos. E posto que

---

18. *Daniel*, III, 71.



os anjos nos gozosos se podem gozar e nos gloriosos se podem gloriar, nos dolorosos não se podem doer, porque o seu estado é incapaz de dor. Isto porém que eles não podem fazer no Céu, fazeis vós na  
 5 Terra, se no meio dos trabalhos que padeceis, vos doeis mais das penas de Cristo, que das vossas. Assim que, do rosário dos anjos e do vosso, ou repartidos em dois coros ou unidos em um só, se inteira a perfeição ou se aperfeiçoa a harmonia dos misté-  
 10 rios do rosário.

Os dolorosos (ouçam-me agora todos) os dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os gozosos aos que, devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam, e vós servis;  
 15 eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois  
 20 como as abelhas, de quem disse o poeta: *Sic vos non vobis mellificatis, apes*. O mesmo passa nas vossas colmeias. As abelhas fabricam o mel, sim; mas não para si. E posto que os que o logram é com tão diferente fortuna da vossa, se vós, porém, vos  
 25 souberdes aproveitar dela e conformá-la com o exemplo e paciência de Cristo, eu vos prometo primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejam muito doces, como foram ao mesmo Senhor: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera*; e que depois

---

20-21. É um dos versos com que Virgílio se vingou do mediocre poeta Bathyllus, que fora recompensado com honra e proveito de versos anónimos de Virgílio, de que se inculcara autor.

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTÔNIO VIEIRA

(que é o que importa) assim como agora, imitando a S. João, sois companheiros de Cristo nos mistérios dolorosos da sua cruz, assim o sereis nos gloriosos da sua ressurreição e ascensão. Não é promessa minha, senão de S. Paulo, e texto expresso de fé: 5 *Hæredes quidem Dei cohæredes autem Christi: si tamen compatimur, ut et conglorificemur*: «Assim Deus vos fez herdeiros de suas penas, assim o sereis também de suas glórias; com condição, porém, que 10 não só padeçais o que padeceis, senão que padeçais com o mesmo Senhor, que isso quer dizer *compatimur*. Não basta só padecer com Cristo, como S. João.

Oh como quisera e fora justo que também vossos 15 senhores consideraram bem aquela consequência!: *Si tamem compatimur, ut et conglorificemur*. Todos querem ir à glória e ser glorificados com Cristo; mas não querem padecer, nem ter parte na cruz com Cristo. Não é isto o que nos ensinou a Senhora do 20 Rosário na ordem e disposição do mesmo rosário. Depois dos mistérios gozosos pôs os dolorosos, e depois dos dolorosos os gloriosos. Porquê? — Porque os gostos desta vida têm por consequência as penas, e as penas pelo contrário as glórias. E se 25 esta é a ordem que Deus guardou com seu Filho e com sua Mãe, vejam os demais o que fará com eles. Mais inveja devem ter vossos senhores às vossas penas, do que vós aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. Imitai pois ao Filho e à Mãe de Deus, 30 e acompanhai-os com S. João nos seus mistérios dolorosos, como próprios da vossa condição e da

---

6-7. *Epístola aos Romanos*, IX, 17.

vossa fortuna, baixa e penosa nesta vida, mas alta e gloriosa na outra. No Céu cantareis os mistérios gozosos e gloriosos com os anjos, e lá vos gloriareis de ter suprido, com grande merecimento, o que eles  
5 não podem, no contínuo exercício dos dolorosos.

IX

Estes são, devotos do rosário, os três motivos que nascem dos três nascimentos que vistes, os quais, se forem tão bem exercitados como são bem nascidos, nem podeis desejar maior honra nos vossos despre-  
10 zos, nem maior alívio nos vossos trabalhos, nem maior dita e ventura na vossa fortuna. A mesma Mãe do Filho de Deus e de S. João é Mãe vossa. E pois estes três filhos já nascidos lhe nasceram segunda vez ao pé da cruz, não falteis na vossa,  
15 posto que tão pesada, nem à imitação de tão honrados irmãos, nem às obrigações de tão soberana Mãe. Para que, assim como a Senhora se gloria de ser Mãe de Cristo, e depois dele de ser Mãe de S. João, assim tenha também muito de que se glori-  
20 ar em ser Mãe de todos os pretos, tão particularmente seus devotos. Desta maneira se multiplicou por vários modos o segundo nascimento de seu Unigénito Filho; e desta maneira se verifica, em termo louvor de seu santíssimo nome, que o mesmo Jesus  
25 que se chama Cristo não só uma senão três vezes nasceu de Maria: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

## SERMÃO VIGÉSIMO SÉTIMO, COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO EXPOSTO

(DA SÉRIE — «MARIA, ROSA MÍSTICA»)

Pregado na Baía em data incerta

*Josias autem genuit Jechoniam et  
fratres ejus in transmigracione Babylo-  
nis. Et post transmigracionem Babylo-  
nis, Jechonias genuit Salathiel. — Mat. I.*

### I

Uma das grandes cousas que se vêem hoje no  
Mundo, e nós pelo costume de cada dia não admi-  
ramos, é a transmigração imensa de gentes e nações  
etíopes, que da África continuamente estão passando  
5 a esta América. A armada de Eneias, disse o prín-

---

*O conteúdo histórico do sermão:*

Este sermão, como o anterior, é suscitado pela sorte dos escravos, que o Brasil importava da costa ocidental de África — Guiné, sobretudo — e ainda de Cabo Verde e S. Tomé. Enquanto no Maranhão os escravos eram ainda então exclusivamente indígenas, na Baía abundavam os transportados de Africa, preferíveis em resistência no trabalho aos que eram *descidos* do sertão. É verdade que

*(Continua na página seguinte)*

---

Trad. do tema: *Josias, porém, gerou Jecomias e os irmãos deste, na transmigração de Babilónia. Depois da transmigração, Jecomias gerou Salatiel.*

cipe dos poetas, que levava Tróia a Itália: *Ilium in Italiam portans*; e das naus que dos portos do mar Atlântico estão sucessivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer que

---

P.º Vieira, neste sermão como no anterior, fala mais aos senhores do que aos escravos, se bem seja a estes que na aparência se dirija. Evidentemente, os pobres negros não podiam penetrar nas subtilezas da teologia, quintessenciadas na engenhosa dialéctica do pregador. Ainda assim, não seriam insensíveis ao calor de generosa humanidade, ao espírito vivamente cristão que emanavam de certos passos do discurso. Sentiriam que entre a raça que os oprimia e os tratava pior do que aos animais domésticos — e pior na proporção em que neles era superior a consciência da dor e da maldade e maior a possibilidade de reacção — alguém se compadecia da sua miséria e gritava contra a injustiça que, mesmo em clima de teórica fraternidade em Cristo, praticamente lhes negava a dignidade de homens.

O pregador chama os escravos à consciência dessa dignidade e da liberdade interior em que poderiam exercê-la. ao mesmo tempo que aos próprios senhores chama à consciência da sua desalmada crueldade, do seu falso cristianismo e do seu exacerbado egoísmo.

A página inicial é de poderosa sugestividade em sua comoção *vivida* — vivida ao ponto de só não desvairar em descrença na bondade divina, pela eficácia com que a Fé refreia a imaginação sobreexcitada: «Quantas graças devemos à Fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que, à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência!»

Os Jesuítas pactuavam com os Colonos nesta prática da importação dos escravos africanos, sem os quais todos então sentiam, e todos hoje reconhecem, ser impossível a desbarbarização do Brasil. Mas as palavras de Vieira exprimem uma doutrina que deveria constituir e constituiu a *ideia-força* a que o tempo havia de trazer crescente triunfo — hoje pleno, na nação irmã.

---

1-2. Virgílio, *Æneada*, I.

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

trazem a Etiópia ao Brasil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de água as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato; entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho e passaram da África à Ásia, fugindo do cativoiro; estes atravessaram o mar Oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América para viver e morrer cativos. *Infelix genus hominum* (disse bem deles Maffeo) *et ad servitutum natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir; nas outras terras do que aram os homens e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios; naquela o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende e se compra. Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos são das próprias!

Já se, depois de chegados, olharmos para estes miseráveis e para os que se chamam seus senhores, o que se viu nos dois estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo teatro. Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteados, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros;

---

I. Entenda-se a Guiné, sendo a Etiópia, na Geografia actual, o que então se chamava *Etiópia Oriental*.

II. Vid. nota da pág. 39.

os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoute, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás, como imagens vilíssimas da servidão e espectáculos da extrema miséria. Oh Deus! Quantas graças devemos à Fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que, à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência! Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aquece o mesmo sol? Que estrela é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?

E se as influências da sua estrela são tão contrárias e nocivas, como se não comunicam ao menos aos trabalhos de suas mãos, e como maldição de Adão, às terras que cultivam? Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue inocente houvessem de medrar nem crescer, e não produzir senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bênçãos de doçura que sobre elas derrama o Céu, que as mesmas plantas são o fruto, e o fruto tão precioso, abundante e suave, que ele só carrega grandes frotas, ele enriquece de tesouros o Brasil e enche de delícias o Mundo. Algum grande mistério se encerra logo nesta transmigração; e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que, não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas pátrias a estas gentes e as traz

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

ao exercício do cativo é sempre com vento à popa e sem mudar vela.

Estas são as considerações que eu faço, e era bem que fizessem todos, sobre os juízos ocultos desta tão notável transmigração e seus efeitos. Não há escravo no Brasil — e mais quando vejo os mais miseráveis — que não seja matéria para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender que Deus que criou estes homens tanto à sua imagem e semelhança como os demais, os predestinasse para dois infernos, um nesta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tão devotos e festivos diante dos altares da Senhora do Rosário, todos irmãos entre si, como filhos da mesma Senhora, já me persuado sem dúvida, que o cativo da primeira transmigração é ordenado por sua misericórdia para a liberdade da segunda.

De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho: uma em que foram levados os filhos de Israel da sua pátria «para o cativo de Babilónia»: *In transmigratione Babylonis*; e outra, em que foram trazidos «do cativo de Babilónia para a sua pátria»: *Et post transmigrationem Babylonis*. A primeira transmigração, e do cativo, durou setenta anos; a segunda, e da liberdade, não teve fim, porque chegou até Cristo. E como ordenou Deus a primeira transmigração para a segunda? — Assim como ordenou que de Josias nascesse

---

23. *S. Mateus*, I, 11.

25. *Ibid.*, I, 12.



Jeconias: *Josias autem genuit Jechoniam et fratres ejus*. Em todo este Evangelho, quando ele historialmente diz que um patriarca gerou outro patriarca, quer dizer, no sentido místico, que da signi-  
 5 ficação do nome do pai nasceu a significação do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomeia no mesmo Evangelho, que é David. David, diz a série das mesmas gerações que gerou a Salomão: *David autem Rex genuit Salomonem*.  
 10 E que quer dizer que David gerou a Salomão? — David significa o guerreiro, Salomão significa o pacífico; e nascer Salomão de David quer dizer que da guerra havia de nascer a paz; e assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que «Josias gerou  
 15 a Jeconias no cativo de Babilónia»: *Josias autem genuit Jechoniam in transmigratione Babylonis*. Saibamos agora qual a significação destes dois nomes — Josias do pai e Jeconias do filho: Josias significa *Ignis Domini* — «O fogo de Deus»; Jeco-  
 20 nias significa *Præparatio Domini* — «a preparação de Deus». Diz pois o texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babilónia o fogo de Deus gerou a preparação de Deus. Porquê? — Porque o fogo queima e alumia; e no cativo de Babilónia, não  
 25 só queimou Deus e castigou os Israelitas, mas também os alumiou; e porque os castigou e alumiou no cativo da primeira transmigração — *In transmigratione Babylonis* — por isso e com isso os dispôs e preparou para a liberdade da segunda: *Et post*  
 30 *transmigrationem Babylonis*.

1. *Ibid.*, I, 11.

9. *Ibid.*, I, 6.

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTÓNIO VIEIRA

Eis aqui, Irmãos do Rosário pretos (que só em vós se verificam estas significações) eis aqui o vosso presente estado e a esperança que ele vos dá do futuro: *Josias autem genuit Jechoniam et fratres*  
5 *ejus*. Vós sois os irmãos da preparação de Deus e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do cativo, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de cativos; e posto que esta seja de opressão, tam-  
10 bém como fogo vos alumiu juntamente, porque trouxe à luz da Fé e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no rosário. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do cativo temporal, vos estão Deus e  
15 sua Santíssima Mãe dispondo e preparando para a segunda transmigração, que é a da liberdade eterna.

Isto é o que vos hei-de pregar hoje para vossa consolação. E reduzido a poucas palavras, será este o meu assunto: que a vossa irmandade da Senhora  
20 do Rosário vos promete a todos uma carta de alforria, com que não só gozeis a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida, mas também vos livres nesta do maior cativo da primeira. Em lugar das alvíssaras, que vos devera pedir por  
25 esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a graça com que vos possa persuadir a verdade dela.

*Ave Maria, etc.*

## II

Enquanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera uma universal transmigração, que é  
30 de Babilónia para Jerusalém e do desterro deste Mundo para a pátria do Céu. Vós, porém, vies-

tes ou fostes trazidos das vossas pátrias para estes desterros, além da segunda e universal transmigração, tendes outra, que é de Babilónia, em que mais ou menos moderada, continuais o vosso cativo.

5 E para que saibais como vos deveis portar nele, e não sejais vós mesmos os que o acrescenteis, vos quero, primeiro que tudo, explicar qual ele é, e em que consiste. Procurarei que seja com tal clareza, que todos me entendais. Mas quando assim não

10 sucede (porque a matéria pede maior capacidade da que podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agostinho na vossa África, contentar-me-ei que me entendam vossos senhores e senhoras, para que eles mais devagar vos ensinem o que a vós e

15 também a eles muito importa saber.

Sabei, pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de corpo e alma; mas o que é e se chama escravo, não é todo o homem, senão só

20 metade dele. Até os Gentios, que tinham pouco conhecimento das almas, conheceram esta verdade e fizeram esta distinção. Homero, referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Jupiter viro, quem alli servire necesse est, aufert dimidium.*

25 Quer dizer, que «aqueles homens a quem Júpiter fez escravos, os partiu pelo meio e não lhes deixou mais que uma ametade que fosse sua»; porque a outra ametade é do senhor a quem servem. E qual é esta ametade escrava e que tem senhor ao qual

30 é obrigada a servir? — Não há dúvida que é ame-

---

23-24. S. Clemente de Alexandria, *Homilias, Strom. Liv. VI.*

tade mais vil — o corpo. Excelentemente Séneca:  
*Errat, si quis existimat servitutem in totum homi-*  
*nem descendere; pars melior ejus excepta est.*  
 5 «Quem cuida que o que se chama escravo é o homem  
 todo, erra e não sabe o que diz: a melhor parte do  
 homem, que é a alma, é isenta» de todo o domínio  
 alheio, e não pode ser cativa. O corpo, e sòmente  
 o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino for-*  
*tuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit; interior illa*  
 10 *pars mancipio dari non potest.* «Só o corpo do esca-  
 vo (diz o grande filósofo) é o que deu a fortuna ao  
 senhor: este comprou e este é o que pode vender».  
 E nota sapientíssimamente, que o domínio que tem  
 sobre o corpo, não lho deu a Natureza, senão a  
 15 fortuna: *Quod domino fortuna tradidit:* porque a  
 Natureza como mãe, desde o rei ao escravo, a todos  
 fez iguais, a todos livres.

Falando S. Paulo dos escravos e com escravos,  
 diz que «obedeçam aos senhores carnais»: *Obedite*  
 20 *dominis carnalibus.* E que senhores carnais são  
 estes? Todos os intérpretes declaram que são os  
 senhores temporais, como os vossos, aos quais ser-  
 vis por todo o tempo da vida; e chama-lhes o Após-  
 tolo *senhores carnais*, porque o escravo, como qual-  
 25 quer outro homem, é composto de carne e espírito,  
 e o domínio do senhor sobre o escravo só tem juris-  
 dição sobre a carne, que é o corpo, e não se estende  
 ao espírito, que é a alma.

Esta é a razão por que os escravos entre os Gre-  
 30 gos se chamavam corpos. Assim o refere Santo

---

2-3. Séneca, lib. III. *De beneficiis*, Cap. XX.  
 20-21. *Epistola aos Efésios*, VI, 5.

Epifânio, e que o uso comum de falar entre eles era, não que tal ou tal senhor tinha tantos escravos, senão que tinha tantos corpos. O mesmo diz Séneca que se usava entre os Romanos. E é erudição que  
 5 ele ensina a seu discípulo Lucílio; porque, ainda que a notícia dos vocábulos é de todos, saber a origem deles é só dos que sabem as cousas e mais as causas: *Quando quidem dominium corporibus*  
*dominatur, et non animis, propterea servos corpora*  
 10 *vocaverunt, ut usum corporum ostenderent*: «Sabes, Lucílio, porque os nossos maiores chamaram aos escravos corpos? Porque o domínio de um homem sobre outro homem só pode ser no corpo e não na alma».

15 Mas não é necessário ir tão longe como a Roma e a Grécia. Pergunto: neste vosso mesmo Brasil, quando quereis dizer que Fulano tem muitos ou poucos escravos, porque dizeis que tem tantas ou tantas *peças*? — Porque os primeiros que lhes puse-  
 20 ram este nome, quizeram significar, sábia e cristãmente, que a sujeição que o escravo tem ao senhor, e o domínio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. Os homens não são feitos de uma só peça, como os anjos e os brutos. Os anjos e os  
 25 brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o anjo, porque todo é espírito; o bruto, porque todo é corpo. O homem não. É feito de duas peças — alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma destas peças, e a capaz  
 30 de domínio, que é o corpo, por isso chamais aos vossos escravos *peças*. E se esta derivação vos não

---

8-10. Séneca, *Epístola*, XLVII. É libérrima a trad. de Vieira.

contenta, digamos que chamais *peças* aos vossos  
escravos, assim como dizemos: uma *peça de ouro*,  
uma *peça de prata*, uma *peça de seda*, ou de qual-  
5 quer outra cousa das que não têm alma. E por este  
modo ainda fica mais claramente provado que o  
nome de *peça* não compreende a alma do escravo,  
e sòmente se entende e se estende a significar o  
corpo. Este é o que só se cativa, este o que só se  
10 compra e vende, este o que só tem debaixo de sua  
jurisdição a fortuna, e este enfim o que levou de  
Jerusalém a Babilónia a transmigração dos filhos  
de Israel, e este o que traz da Etiópia ao Brasil a  
transmigração dos que aqui se chamam escravos e  
aqui continuam o seu cativoiro.

III

15 De maneira, Irmãos pretos, que o cativoiro que  
padeceis, por mais duro e áspero que seja ou vos pa-  
reça, não é cativoiro total, ou de tudo o que sois,  
senão meio cativoiro. Sois cativos naquela ametade  
exterior e mais vil de vós mesmos, que é o corpo;  
20 porém na outra ametade interior e nobilíssima, que  
é a alma, principalmente no que a ela pertence,  
não sois cativos, mas livres. E suposto este pri-  
meiro ponto, segue-se agora que saibais o segundo,  
e muito mais importante, e que eu vos declare, se  
25 essa parte ou ametade livre, que é a alma, pode  
também por algum modo ser cativa, e quem a pode  
cativar. Digo pois, que também a vossa alma, como  
as dos mais, pode ser cativa; e quem a pode cati-  
var, não são os vossos senhores, nem o mesmo rei,  
30 nem outro algum poder humano, senão vós mesmos,

e por vossa livre vontade. Ditosos de vós aqueles que de tal modo se compuseram com a sorte de seu meio cativo, que se sirvam da sua própria servidão e se saibam aproveitar do que nela, e com ela, 5 podem merecer! Mas o mal e a miséria que totalmente vos fará miseráveis, é que, fazendo-vos a vossa fortuna cativos só no corpo, vós muito por vossa vontade cativais também a alma.

Dois casos notáveis se viram na transmigração de 10 Babilónia. Houve uns daqueles cativos e desterrados, que, tendo licença e liberdade para tornar para a pátria, quiseram antes ficar no seu cativo; e houve outros, e quase todos, que, sendo aquele 15 cativo só do corpo, eles se não contentaram com ser meios cativos, mas para o ser inteira e totalmente, cativaram também as almas. Com grande fundamento se pode pôr em questão: se para a natureza humana se sujeitar e precipitar aos vícios, 20 é que nesta mesma ocasião mostrou, por experiência, o cativo não só ter maiores forças para tentar, senão também para vencer. Porque entre todos os cativos, que foram muitos mil, só um Tobias se achou que não cativasse a sua alma. Assim o diz 25 e celebra dele por grande maravilha a Escritura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit*. Tão ordinária e universal miséria é, que os meios cativos não sejam só cativos de meias senão totalmente, e em uma e outra 30 ametade cativos: cativos no corpo e cativos na alma!

---

26-27. Trad.: *Posto no cativo, não desertou do caminho da verdade. Tobias, I, 2.*

E se me perguntardes, como deveis perguntar: — de que modo se cativam as almas? quem são os que as vendem, e a quem as vendem, e porque preço? — respondo, que os que as vendem, é cada um a sua; a quem as vendem é ao Demónio; o preço por que as vendem é o pecado. E porque a alma é invisível, e o Demónio também invisível, e estas vendas não se vêem; para que não cuideis que são encarecimentos e modos de falar, senão verdades de Fé, sabeis que assim está definido por Deus, e repetido muitas vezes em todas as Escrituras Sagradas.

S. Paulo, aquele grande Apóstolo que foi levado em vida ao Céu e depois tornou do Céu à Terra, para ensinar aos homens o que lá vira e aprendera, falando desta venda da alma, diz assim: *Lex spiritualis est; Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato*. Sabeis, diz S. Paulo, como os homens vendem a sua alma? Ouvi-me com atenção, eu vo-lo direi: *Lex spiritualis est*: «a lei é espiritual»; *Ego autem carnalis sum*: e o homem é carnal. A lei é espiritual, porque ordena o que convém ao espírito e à alma; o homem é carnal, porque naturalmente apetece o que pede a carne e o corpo. Da parte da Lei, está Deus mandando que seja obedecido e prometendo que aos que a guardaram dará depois o Céu; da parte da carne, está o Demónio aconselhando que se não guarde a Lei e prometendo ao homem, que logo e de contado, lhe dará o gosto ou

---

16-18. *Epistola aos Romanos*, VII, 14. *Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato* = *Eu, porém, sou carnal, vendido sob o pecado*.



interesse que pede o seu apetite. Posta pois a alma como em leilão, entre Deus e o Demónio, entre a Lei e o pecado, que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas as nossas acções e  
 5 resoluções? — Em vez de receber o lanço de Deus, aceita o do Demónio, e tanto que, consentindo no pecado, ficou a alma cativa e rematada a venda: *Venundatus sub peccato*. É o que diz Santo Agostinho na exposição deste mesmo texto: *Unusquisque*  
 10 *peccando, animam suam diabolo vendit, accepta, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis*.

A primeira venda e o primeiro leilão de almas que se fez no Mundo, foi no Paraíso terreal. De uma parte estava Deus, mandando que se não comesse  
 15 a fruta vedada; da outra parte estava a serpente, instigando que se comesse. E que succedeu? — Eva, que representava a carne, inclinou-se à parte do Demónio; e porque Adão, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer ao preceito de Deus,  
 20 seguiu o apetite da carne, ali ficaram vendidas ao Demónio as duas primeiras almas, e dali trouxe a sua origem a venda das demais.

Dizei-me, brancos e pretos: não condenamos todos a Adão e Eva? Não conhecemos que foram igno-  
 25 rantes e mais que ignorantes, loucos e mais que loucos, cegos e mais que cegos? Não somos nós os mesmos que lhes lançamos pragas e maldições pelo que fizeram? Pois porque fazemos o mesmo e vendemos as nossas almas, como eles as venderam?  
 30 Ouçam primeiro os brancos um exemplo, que vejam a sua deformidade, e logo mostraremos outro aos pretos, em que vejam a sua. De el-rei Acab afirma a *História Sagrada* que foi o mais mau rei que houve entre todos os de Israel; porque pecando, e para

pecar, se vendeu: *Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malum.* O mesmo lhe disse o profeta Elias na cara. Perguntou-lhe o rei: — *Num invenisti me inimicum tibi:* «Porventura,

5 Elias, achaste em mim alguma cousa, pela qual tenhas para ti que sou teu inimigo?» — Sim, achei, respondeu o Profeta: porque «achei que és tal, que te vendes para ofender a Deus»: *Inveni, eo quod venundatus sis, ut faceres malum in conspectu Do-*

10 *mini.* Não se queixou Elias das ofensas que lhe tinha feito Acab, mas das que fazia contra Deus; nem se queixou de não ser o rei amigo do seu Profeta, senão de que, sendo rei, se vendia e fazia escravo: *Eo quod venundatus sis, ut faceres malum.*

15 E que males e pecados eram aqueles em que Acab se vendia? — Dois principalmente, refere a Escritura: um geral, com que obrigava os súbditos a que adorassem os ídolos de ouro de Jeroboão, proibindo que não fossem ao templo do verdadeiro

20 Deus; o outro particular, em que naquela ocasião tinha consentido que falsamente fosse condenado à morte Nabot, para lhe confiscar e tomar a sua vinda. Vede se é bom exemplo este para os régulos do nosso Recôncavo! É possível que, por acrescentar mais uma braça de terra ao canavial e meia

25 tarefa mais ao engenho em cada semana, haveis de vender a vossa alma ao Diabo?! Mas a vossa, já que o é, vendei-lha ou revendei-lha embora. Porém as dos vossos escravos, porque lhas haveis de

30 vender também, antepondo a sua salvação aos ídolos

---

1-2. Trad.: Não houve outro tal como Acab, que se vendeu para fazer o mal... III Liv. dos Reis, XXI, 25.

8-10. *Ibid.*, 20.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

de ouro, que são os vossos malditos e sempre mal  
logrados interesses? Por isso os vossos escravos não  
têm doutrina; por isso vivem e morrem sem Sacra-  
mentos; e por isso, se lhes não proibis a Igreja,  
5 com subtileza de cobiça, que só podia inventar o  
Diabo (para que o diga na frase do vulgo), não  
quereis que vão à porta da Igreja. Consentis que  
os escravos e escravas andem em pecado, e não lhes  
10 permitis que se casem, porque dizeis que casados  
servem menos bem. Oh razão (quando assim fora)  
tão digna do vosso entendimento, como da vossa  
cristandade! Prevaleça o meu serviço ao serviço de  
Deus, e, contanto que os meus escravos me sirvam  
melhor, vivam e morram em serviço do Diabo!  
15 Espero eu no mesmo Deus que terá misericórdia  
da sua miséria e das suas almas; mas das vossas  
almas e desta vossa, que também é miséria, não  
tenho em que fundar tão boas esperanças.

20 Passemos ao exemplo mais próprio dos escravos,  
os quais por nenhum respeito devem vender a sua  
alma, ainda que lhes houvesse de custar a vida.  
Depois que el-rei Antíoco, por sobrenome o ilustre,  
saindo da Grécia com poderoso exército, dominou a  
Jerusalém, e com ela a todas as relíquias que tinham  
25 escapado da transmigração de Babilónia (que nem  
sempre os homens levam consigo o cativo aos  
desterros, mas talvez o mesmo cativo os vem  
buscar a sua casa); mandou o bárbaro e insolente  
rei que em toda a Judeia se não guardasse a Lei  
30 de Deus, senão somente as suas, e que os deuses,  
a quem se oferecessem os sacrifícios, fossem os da  
gentilidade, que ele adorava. Que vos parece que  
fariam em um tão apertado caso os miseráveis  
cativos? Mal fiz em lhes chamar miseráveis indistin-

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTONIO VIEIRA

tamente. Uns foram miseráveis, fracos e vis, outros fortes, constantes e gloriosos. Os miseráveis, fracos e vis, diz o texto que, por ganhar a graça dos senhores, obedeceram, e «fazendo-se gentios, venderam as suas almas»: *Et juncti sunt Nationibus et venundati sunt, ut facerent malum*; pelo contrário, os fortes, constantes e gloriosos, por não venderem as almas, perderam animosamente as vidas, que da graça dos senhores nenhum caso fizeram. Bem se viu aqui que os corpos somente são os cativos, as  
10 almas não. Eram os senhores tão tiranos, que lhes cortavam os dedos das mãos e dos pés; que lhes arrancavam os olhos e as línguas; que os frigiam e torravam vivos em sertãs ardentes, e com outros  
15 esquisitos tormentos lhes tiravam as inocentes vidas; mas eles antes queriam padecer e morrer, que vender as almas.

Julgai agora vós, que vos achais na mesma fortuna de escravos, quais destes obraram melhor: se  
20 os que venderam as almas para agradar aos senhores, ou os que quiseram antes perder a vida que cativar a alma? Não estais dizendo todos que o valor e constância destes é digna de eternos louvores? — Sim. Pois a estes vos digo que imiteis, por  
25 graça e mercê grande de Deus, ainda que, escravos e cativos, não estejais em terra onde vossos senhores vos hajam de obrigar a deixar a Fé. Mas é certo, que sem perder nem arriscar a Fé, se pode perder e vender a alma. E no tal caso (que pode acontecer  
30 muitas vezes) tende bem na memória o exemplo que acabais de ouvir, para que não falteis à vossa

---

5-6. I Liv. dos Macabéus, I, 16.

obrigação. Se o senhor mandasse ao escravo, ou quisesse da escrava cousa que ofenda gravemente a alma e a consciência; assim como ele não pode querer nem mandar, assim o escravo é obrigado a  
5 não obedecer. Dizei constantemente que não haveis de ofender a Deus; e se por isso vos ameaçarem e castigarem, sofrei animosa e cristãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são mar-  
tírios.

IV

10 Temos visto que, assim como o homem se compõe de duas partes, ou de duas ametades, que são corpo e alma, assim o cativo se divide em dois cativos: um, cativo do corpo, em que os corpos involuntariamente são cativos e escravos dos homens;  
15 outro, cativo da alma, em que as almas por própria vontade se vendem e se fazem cativas e escravas do Demónio. E porque eu vos prometi que a Virgem, Senhora nossa, do Rosário, vos há-de libertar ou forrar, como dizeis, do maior cativo; para  
20 que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa que saibais e entendais primeiro qual destes dois cativos é o maior. A alma é melhor que o corpo, o Demónio é pior senhor que o homem, por mais tirano que seja; o cativo dos homens é  
25 temporal, o do Demónio eterno; logo, nenhum entendimento pode haver, tão rude e tão cego, que não conheça que o maior e pior cativo é o da alma. Mas como a alma, o Demónio e este mesmo  
30 cativo, como já disse, são cousas que se não vêem com os olhos, onde acharei eu um meio proporcionado à vossa capacidade, com que vos faça visível

esta demonstração? Fundemo-la no mesmo vosso  
 cativoiro, que é a cousa para vós mais sensível.  
 Pergunto: — Se Deus nesta mesma hora vos liber-  
 tara a todos do cativoiro em que estais e de repente  
 5 vos vísseis todos livres e forros, não seria uma  
 estranha e admirável mercê que Deus vos faria?  
 Pois muito maior é, e de muito maior e mais subido  
 valor, a mercê que a Senhora do Rosário vos fará,  
 em livrar vossas almas do cativoiro do Demónio e  
 10 do pecado. No nosso Evangelho o temos.

Faz repetida menção o Evangelho do cativoiro  
 de Babilónia, e do cativoiro do Egipto nenhuma  
 memória faz. O cativoiro de Babilónia succedeu no  
 tempo de Jeconias, o do Egipto no tempo de Judas;  
 15 pois assim como diz o Evangelista: *Jechoniam et*  
*fratres ejus in transmigratione Babylonis*; porque  
 não diz também: *Judam et fratres ejus in captivi-*  
*tate Ægypti*? O reparo e a resposta é de S. Crisós-  
 tomo, por estas palavras: *Cur, sicut captivitatis*  
 20 *Babylonicæ meminit, non autem descensus in Ægyp-*  
*tum? Qui illuc non propter peccata abducti fuerant;*  
*huc vero ob scelera translati sunt.* No tempo dos  
 mesmos Patriarcas que se referem na genealogia de  
 Cristo, succedeu o cativoiro do Egipto e também o de  
 25 Babilónia: e se quereis saber porque o Evangelista  
 na mesma genealogia faz menção do cativoiro de  
 Babilónia e passa em silêncio o cativoiro do Egipto,  
 a razão é, diz Crisóstomo, porque os do cativoiro  
 de Babilónia foram lá levados por pecados, em cas-  
 30 tigo das grandes maldades que tinham cometido na  
 sua pátria; porém os do cativoiro do Egipto não  
 foram ao Egipto por pecados, senão chamados por

---

19-22. S. João Crisóstomo, *Homilia IV, in Matheum.*

seu irmão José, e depois cativos pela tirania de Faraó. E como o cativo do Egipto foi só temporal e dos corpos, cativos não por pecados próprios, senão pela tirania alheia; e o cativo de Babilónia, pelo contrário, foi cativo espiritual e das almas cujos pecados as tinham feito escravas do mesmo pecado e do Demónio, por isso este só cativo se refere na genealogia de Cristo, o qual não veio libertar os homens do cativo temporal e do corpo, senão do espiritual e da alma. Excellentemente, por certo, assim ponderado, como respondido.

E se buscarmos o princípio fundamental, porque Cristo, sendo Redentor do género humano, só veio remir e libertar os homens do cativo das almas e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto é porque, para libertar do cativo dos homens, bastavam homens; para libertar do cativo do Demónio e do pecado, é necessário todo o poder de Deus. Estes mesmos filhos de Israel de que falamos, foram muitas outras vezes cativos de diversas nações; cativos logo em seu nascimento dos Egípcios; cativos depois dos Mesopotâmios; cativos dos Amonitas; cativos dos Cananeus; cativos dos Madianitas; cativos dos Filisteus. E de todos estes cativos os livrou sempre Deus por meio de homens. Do cativo dos Egípcios, por Moisés; do cativo dos Mesopotâmios, por Otoniel; do cativo dos Amonitas, por Aod; do cativo dos Cananeus, por Barac; do cativo dos Madianitas, por Gedeão; do cativo dos Filisteus, por Jefte. Assim que, para libertar do cativo de homens, bastam homens. E se instardes que os cativos da transmigração de Babilónia não só eram cativos dos Babi-

lónios, senão também cativos do Demónio e do pecado, como acabamos de ver, e que contudo os libertou um homem, que foi el-rei Ciro, agora entendereis o mistério, porventura até agora não entendido, das palavras de Isaías, falando deste mesmo  
5 cativeiro e desta mesma liberdade.

*Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator:* «Verdadeiramente, ó rei Ciro, em ti está escondido Deus, e não só escondio como Deus, senão  
10 como Salvador e Libertador de Israel». Pois se Isaías fala da liberdade do cativeiro de Babilónia, e Ciro, como rei da mesma Babilónia, foi o que libertou aos filhos de Israel daquele cativeiro, porque diz que Deus como libertador de Israel estava escondido  
15 no mesmo Ciro? — Porque no cativeiro de Babilónia havia juntamente dois cativeiros, pelos quais os mesmos filhos de Israel eram dobradamente escravos: um cativeiro temporal e dos corpos, pelo qual eram cativos de el-rei Ciro, e outro  
20 espiritual e das almas, pelo qual eram cativos do Demónio e do pecado; do cativeiro dos corpos libertou-os o rei homem, que como homem bastava para os libertar, e como rei podia; do cativeiro do Demónio e do pecado, como os não podia libertar nenhum  
25 homem, foi necessário que concorresse também Deus como libertador — *Deus Israel Salvator* — porque só Deus os podia libertar daquele cativeiro. E porque acrescenta o Profeta que Deus estava escondido em Ciro: *Vere tu es Deus absconditus?* — Porque,  
30 assim como um cativeiro era oculto e o outro público, assim foram os dois libertadores, um público,

---

7-8. *Isaías*, XLV, 15.



outro escondido. O cativo dos corpos era público, e como público libertou Ciro os cativos publicamente; porém o cativo das almas e do Demónio era oculto e invisível, como oculto e invisível os  
 5 libertou também Deus oculta e invisivelmente, e por isso escondido: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.*

Em suma, que é tal e tão imensamente maior que toda a infelicidade o cativo das almas escravas  
 10 do Demónio e do pecado, que só Deus por si mesmo as pode resgatar e libertar de tal cativo. E isto é como dizem Santo Agostinho, S. Jerónimo, Santo Hilário e os mais Padres, o que Isaías quis ensinar  
 15 historialmente no cativo de Babilónia, e profeticamente no de todo o género humano; resgatado e libertado, não por outrem, senão pelo mesmo filho de Deus em pessoa, quando com o preço infinito do seu sangue nos remiu na cruz. Os discípulos de  
 20 Emaús e os outros mais rudes da escola de Cristo cuidavam que a sua vinda ao Mundo fora para libertar os filhos de Israel da sujeição e cativo dos Romanos: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*; mas por isso mereceram o  
 25 nome de «homens néscios, de tardo e baixo coração». *O stulti et tardi corde*. Porventura para libertar os filhos de Israel do jugo dos Romanos, faltava-lhes Deus com uma vara de Moisés, uma queixada de Sansão, uma funda de David, uma espada do Macabeu? Mas estas armas e estes braços só bastam  
 30 para libertar do cativo dos corpos; porém para o

---

22-23. S. Lucas, XXIV, 21.

25. *Ibid.*, 25.

OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

cativeiro das almas, e para as libertar do jugo do Demónio e do pecado, só tem forças e poder o mesmo Deus, e esse com ambos os braços estendidos em uma cruz. Vede, vede bem, quanto vai de  
5 cativeiro a cativeiro, de resgate a resgate e de preço a preço. Com admirável energia o ponderou S. Pedro, como se falara convosco, vendidos e comprados por dinheiro.

10 *Scientes quod non corruptibilibus auro vel argento redempti estis; sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi.* Exorta o Apóstolo a todos a que tratem da salvação de suas almas, de as conservar em graça; e para isso diz que «consideremos  
15 que não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue do Filho de Deus». Nas quais palavras é muito digno de ponderar que não só nos manda S. Pedro considerar o preço por que fomos resgatados, senão também o  
20 preço por que não fomos resgatados. O preço por que não fomos resgatados, que é o ouro e a prata: *Non corruptibilibus auro, vel argento;* e o preço por que fomos resgatados, que é o sangue do Filho de Deus: *Sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o  
25 cuidado e vigilância da salvação de nossas almas, o único e maior motivo é a consideração de que Deus as resgatou com o sangue de seu próprio Filho, porque ajunta o Apóstolo na mesma consideração o preço com que não foram resgatadas, que é o  
30 ouro e a prata? — Porque o seu principal intento nestes dois preços que nos manda considerar foi para

---

9-11. I Epistola de S. Pedro, I, 18 e 18.

que da diferença dos resgates, conhecêssemos a diferença dos cativeiros. Para resgatar do cativo do corpo, basta dar outro tanto ouro ou prata, quanto custou o escravo vendido. Mas para resgatar do  
5 cativo da alma, quanto ouro ou prata será bastante? Bastará um milhão! Bastarão dois milhões? Bastará todo o ouro de Sofala e toda a prata do Potossi? Oh vileza e ignorância das apreensões humanas! Se todo o mar se convertera em prata, e  
10 toda a terra em ouro; se Deus criara outro mundo e mil mundos de mais preciosa matéria que o ouro e mais subidos quilates que os diamantes, todo este preço não seria bastante para libertar do cativo do Demónio e do pecado uma só alma por um só  
15 momento. Por isso foi necessário que o Filho de Deus se fizesse homem e morresse em uma cruz, para que com o preço infinito de seu sangue pudesse resgatar e resgatasse as almas do cativo do Demónio e do pecado. E deste cativo tão dificultoso  
20 e tão temeroso e tão imenso, é que eu vos prometo a carta de alforria, pela devoção do rosário da Mãe do mesmo Deus.

V

Para prova desta carta de alforria me pergunta-  
25 reis vós com razão, e também os que têm mais letras que vós, como pode isto ser? — Respondo que pelo mesmo modo com que o Filho da mesma Senhora, Cristo, libertou do mesmo cativo do Demónio e do pecado a todo o género humano. E se  
30 me instardes ainda que vos diga mais declaradamente qual é este modo, digo que não é dando a Senhora aos escravos a escritura da liberdade, senão

tirando das mãos do Demónio a escritura do cativo-  
 veiro. Ouvi um texto tão grande como o mesmo  
 assunto: *Delens quod adversus nos erat chirogra-*  
*phum decreti, quod erat contrarium nobis, et ipsum*  
 5 *tulit de medio, affigens illud cruci, et expolians*  
*principatus et potestates.* São palavras de S. Paulo,  
 nas quais diz que, «quando Cristo morreu na cruz,  
 despojou os demónios, tirando-lhes das mãos a escri-  
 tura que tinham contra nós, e que depois de apagar  
 10 quanto nela estava escrito, a afixou na mesma cruz.

Agora resta saber que escritura era esta? E posto  
 que os Santos Padres e intérpretes declaram varia-  
 mente o literal dela, todos uniformemente vêm a  
 dizer que era escritura de venda, pela qual o homem  
 15 pelo pecado entrega a sua alma ao Demónio, e fica  
 obrigado por ela às penas eternas que a justiça  
 divina lhe tem decretadas. E assim como, paga a  
 dívida, nenhuma força nem vigor tem já a escritura  
 que o credor tinha em sua mão, assim Cristo,  
 20 morrendo na cruz com o mesmo sangue com que  
 pagou a dívida do pecado, apagou juntamente a  
 escritura, pela qual o homem tinha vendido a sua  
 alma ao Demónio e se tinha feito seu escravo:  
*Delens quod adversus nos erat chirografum.* De  
 25 maneira que, para Cristo libertar o homem do cati-  
 veiro do Demónio, não deu ao homem nova escri-  
 tura de liberdade, mas tirou ao Demónio a escritura  
 de cativo, pela qual o mesmo homem se lhe  
 tinha vendido. E isto é o que a Virgem Senhora  
 30 nossa faz, como agora veremos.

Os pecados pelos quais os homens se vendem ao

---

3-5. *Epístola aos Colossenses*, II, 14 e 15.

Demónio, como notou S. João, são três, em que se  
compreendem todos: soberba, cobiça, sensualidade.  
E em todos três temos a prova das escrituras de cati-  
veiro, que a Mãe de Deus, como seu Filho, tira das  
5 mãos do Demónio, para pôr em liberdade os que lhe  
venderam as almas. É famoso e celebrado de todos  
os Padres antigos o caso de um chamado Teótilo, o  
qual, vendo-se afrontado por um falso testemunho e  
não achando meio lícito com que se restituir à  
10 opinião e honra perdida, por intervenção de um tei-  
ticeiro se valeu do Demónio, e, depois de renegar  
de Deus e da Virgem Maria, lhe passou um escrito  
de sua letra e sinal, em que se lhe entregava por  
perpétuo escravo. Tudo pode com os soberbos a vã  
15 estimação da própria honra! Outro, que refere o  
beato Alano, vendo-se em grande miséria de pobreza,  
e não lhe aproveitando nenhuma indústria para ser  
rico, como insanamente desejava, recorreu também  
ao Demónio, e depois da mesma cerimónia herética  
20 e blasfema com que renunciou a Deus e a sua Mãe,  
lhe passou na mesma forma escrito de perpétua  
servidão. A que sacrilégios não precipita os ânimos  
mortais a execranda fome da cobiça! Finalmente ou-  
tro, referido por Torselino, depois de empregar e  
25 empenhar sem efeito, na conquista de uma mulher  
honestas e constante, todos aqueles extremos de que  
se costuma servir em semelhante desatino a cegueira  
e loucura do amor profano, acudiu por último remé-  
dio, ou por último precipício aos poderes do Demó-  
30 nio, ao qual com as mesmas cláusulas do seu formu-

---

16 e 24. Alano de la Roche, dominicano francês (1428-1475); Torselino, jesuíta italiano (1545-1599), historiador.

OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

lário infernal, se vendeu e cativou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudera pedir um escravo da sensualidade.

5 Todos estes escravos do Demónio, em confirmação do pacto com que se tinham vendido, conseguiram o que o mesmo Demónio lhes prometera: o soberbo, o crédito perdido; o cobiçoso, a riqueza desejada; o sensual, a torpeza resistida. Mas depois  
10 e por isso já menos cego, que fariam as tristes almas vendo-se vendidas? Maior era agora a força do arrependimento, do que tinha sido a fúria do mesmo apetite. E não se descuidando o Demónio em mostrar a cada um a sua firma e o seu escrito, pouco  
15 faltou que daquele infelicíssimo estado não caíssem todos no último da desesperação. Recorrendo, porém, todos, por extraordinária luz e mercê do Céu, ao único patrocínio da Mãe de misericórdia, com gemidos, lágrimas, penitências e contínuas orações,  
20 ainda assim era justo que achassem fechadas as portas da misericórdia em Deus e na Mãe de Deus, os que tinham negado a ambos. Mas qual vos parece que seria o fim, não de um, senão de três casos, tão dificultosos e horrendos? De dois ladrões na cruz,  
25 um se salvou para exemplo da misericórdia, e outro se condenou para exemplo da justiça. Porém onde entra vossa soberana mão, ó Virgem piedosíssima, não há excepções, nem piedade de meias. A todos três restituiu a poderosíssima Senhora as suas escrituras, tirando-as por força das mãos do Demónio  
30 e entregando-as outra vez aos mesmos que as tinham escrito, para que metessem e apagassem no fogo as letras com que eles se tinham condenado ao fogo que se não apaga. É o que fez Cristo na cruz: *Delens*

*quod adversus nos erat chirographum*. E é a proporção que achou entre Cristo e sua Mãe o antigo Geómetra, quando elegantemente chamou à mesma Senhora — *Spongiam nequitiae nostrae adversus*  
 5 *diaboli scripturam*.

Este foi o modo com que a Virgem, Senhora nossa, à imitação de seu Filho, não fazendo, senão desfazendo escritura, deu carta de liberdade a estes três escravos do Demónio. E eles que fizeram? —  
 10 Todo o resto da vida empregaram em louvar e dar graças por tão singular e extraordinário benefício à Soberana Autora dele. O escravo da cobiça, que foi em tempo de S. Domingos, rezava o rosário; o escravo da soberba, que foi muito antes de haver  
 15 rosário, sem essa ordem, mas com perpétuas repetições saudava a Senhora com a Ave Maria; o escravo da sensualidade, que recebeu o seu escrito na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o anjo começou a sua embaixada, dizendo:  
 20 *Ave, gratia plena*, repetia o mesmo infinitas vezes. De sorte que todos três rezavam o rosário, só com uma diferença: que no primeiro era rosário enfiado, nos outros desenfiado. E este exemplo devem tomar os pretos, para quando a força da ocupação ou do  
 25 trabalho lhes não permitir enfiarem as suas Ave Marias pela ordem dos mistérios, invocando porém sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E tem mais alguma cousa que imitar? — Sim, e a maior. Pela carta de liberdade que receberam os três escravos do Demónio, não se tratarem  
 30 como forros, senão como cativos de quem os libertou. Assim fizeram, e assim o deviam fazer, porque isto é não só o primor, senão a obrigação de todos

aqueles a quem Deus livra do cativeiro do Demónio e do pecado.

Quando Cristo morreu na cruz, já vimos como nela apagou as escrituras de todos os que em Adão e depois dele se tinham vendido ao Demónio. Agora notai que, depois de ressuscitado, quando subiu triunfante ao Céu, ao modo dos triunfadores romanos, levou diante de si todos os que até então tinha tirado das masmorras do mesmo cativeiro. Assim o canta David, mas por termos em que parece nega o que celebra e desdiz o que quer dizer. No texto da Vulgata diz que, quando Cristo subiu ao Céu, cativou o cativeiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem*; na versão de S. Paulo diz que levou os cativos cativos: *Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem*. Pois se o Senhor não levou no seu triunfo senão os que tinha libertado, e porque os tinha libertado, eles foram todo o despojo das suas vitórias, e eles a maior pompa, ostentação e majestade do mesmo triunfo; como diz David que então cativou o cativeiro e levou diante de si os cativos, não livres, senão cativos? — Porque a mesma liberdade com que Cristo os libertou, foi novo cativeiro com que os tornou a cativar; e porque os levava libertados e livres, os levou novamente cativos. A liberdade é um estado de isenção que, uma vez perdido, nunca mais se recupera; quem foi cativo uma vez, sempre ficou cativo; porque ou o libertam do cativeiro, ou não: se o não libertam, continua a ser cativo do tirano; se o libertam, passa

---

13-14. *Salmo LXVII, 19.*

15-16. *Epístola aos Efésios, IV, 8.*



a ser cativo do libertador. E isto é o que succedeu a todos os que Cristo libertou na cruz, apagadas as escrituras do seu cativoiro. Antes da liberdade, cativos, e depois da liberdade, também cativos; antes

5 da liberdade, cativos do Demónio, a quem se venderam; depois da liberdade, cativos de Cristo, que os resgatou; antes da liberdade, cativos do pecado; depois da liberdade, cativos de Deus, como diz o Apóstolo: *Liberati a peccato, servi autem facti Deo.*

10 Desta maneira se mostraram agradecidos à sua carta de alforria aqueles três cativos, cativando-se de novo, e fazendo-se escravos da mesma Senhora que os libertara. E o mesmo devem fazer todos os que se acham ainda no cativoiro de Babilónia e

15 querem sair dele. Cativem-se para se libertarem, e façam-se escravos da Senhora do Rosário, para não serem escravos do Demónio, se ainda o são, ou para se conservarem livres, se já estão fora do cativoiro. Apaguem a marca do Demónio, que é marca de

20 cativos, e ponham em seu lugar a marca do rosário, que é marca de livres.

E se quereis saber qual é a figura desta marca, digo que uma rosa. Conta-se no segundo livro dos

25 Macabeus, que aos cativos de Jerusalém mandou o tirano marcar com uma folha de hera, para se professarem escravos do deus Baco, a quem era dedicada aquela planta. E que marca mais própria dos escravos do rosário, que uma rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo cativoiro, mas como

30 público sinal e selo da sua carta de alforria? Os que

---

9. *Epístola aos Romanos*, VI, 22.  
24. *II Liv. dos Macabeus*, VI, 7.

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTÓNIO VIEIRA

sois ou fostes marcados, trazeis uma marca no peito,  
outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca  
a Senhora do Rosário: *Pone me ut signaculum super*  
*cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* As  
5 voltas de contas que trazeis nos pulsos e ao pescoço  
(falo com as pretas) sejam todas das contas do rosá-  
rio. As do pescoço, caídas sobre os peitos, serão a  
marca do peito. *Pone me ut signaculum super cor*  
*tuum;* e as dos pulsos, como braceletes, serão a  
10 marca do braço: *Ut signaculum super brachium*  
*tuum;* e uma e outra marca, assim no coração como  
nas obras, serão um testemunho e desengano público  
para todos, de que já estão livres vossas almas do  
cativeiro do Demónio e do pecado, para nunca mais  
15 o servir: *Et post transmirationem Babylonis.*

### VI

Livres por este modo do maior e mais pesado cati-  
veiro, que é o das almas, ainda ficais escravos ao  
segundo, que é o dos corpos. Mas nem por isso  
deveis imaginar que é menos inteira a mercê que a  
20 Senhora do Rosário vos faz. Que seja poderosa a  
Senhora do Rosário para livrar do cativeiro do  
corpo, se tem visto em inumeráveis exemplos dos  
que, estando cativos em terra de infiéis, por meio  
da devoção do rosário se acharam livres, e depois  
25 de oferecerem aos altares da mesma Senhora os  
grilhões e cadeias do seu cativeiro, quebradas, como

---

3-4. *Cântico dos Cânticos, VIII, 6.*

troféus do seu poder e misericórdia, as penduraram nos templos. Quando Deus desceu a libertar o seu povo do cativeiro do Egipto, porque cuidais que apareceu a Moisés na sarsa? Porque a sarsa, como  
5 dizem todos os Santos, era figura da Virgem. Senhora nossa; e quis Deus já então fazer manifesto ao Mundo que a mesma Virgem Santíssima, não só era o instrumento mais proporcionado e eficaz da  
10 Divina Omnipotência, para libertar os homens do cativeiro das almas (que por isso a escolheu por Mãe, quando veio remir o género humano), senão também para os libertar do cativeiro dos corpos, qual era aquele que padecia o povo no Egipto de-  
15 baixo do jugo de Faraó. Assim que poderosa era a Mãe do Redentor para vos livrar também deste segundo e menor cativeiro. Mas é particular providência de Deus, e sua, que vivais de presente escravos e cativos, para que, por meio do mesmo cativeiro temporal, consigais muito facilmente a liberdade  
20 eterna.

Somos chegados à segunda parte da alforria que vos prometi, e a um ponto, no qual só vos falta o conhecimento e bom uso do vosso estado, para serdes nele os mais venturosos homens do Mundo.  
25 Sobre esta matéria só vos hei-de alegar com os dois príncipes dos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo, os quais a trataram muito de propósito em vários lugares, falando com os escravos tão seriamente, como se falaram com imperadores de Roma, e tão alta e  
30 profundamente, como se falaram com os sábios da Grécia. Para que não cuidem os que desprezam os escravos que este assunto (e mais em terra onde há

---

4. *Exodo*, III, 2.

tantos) seja menos digno de se empregarem nele com todas as forças da eloquência e com toda a eficácia do espírito, os maiores pregadores do Evangelho. Fala pois o Apóstolo S. Paulo com os escravos e diz assim em dois lugares: *Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum. Quodcumque facitis, ex animo operamini sicut Domino, et non hominibus: scientes quod a Domino accipietis retributionem hæreditatis. Domino Christo servite: «Escravos, (diz S. Paulo) obedeci em tudo a vossos senhores, não os servindo somente aos olhos, e quando eles vos vêem, como quem serve a homens, mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade; advertindo outra vez que servis a Deus, o qual vos há-de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Enfim, servi a Cristo»: Domino Christo servite.*

Deixando esta última palavra para depois, só pondero agora aquelas: *Scientes quod a Domino accipietis retributionem hæreditatis*. Duas cousas promete Deus aos escravos pelo serviço que fazem a seus senhores, ambas não só desusadas, mas inauditas, que são — «paga e herança»: *Retributionem hæreditatis*. Notai muito isto. Quando servis a vossos senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem eles vos pagam o vosso trabalho. Não sois seus herdeiros,

---

5-II. *Epístola aos Colossenses*, III, 22, 23 e 24. *Aos Efésios*, VI, 3 e seg.

porque a herança é dos filhos e não dos escravos;  
 e não vos pagam o vosso trabalho, porque o escravo  
 serve por obrigação e não por estipêndio. Triste e  
 miserável estado, servir sem esperança de prêmio em  
 5 toda a vida, e trabalhar sem esperança de descanso,  
 senão na sepultura! Mas bom remédio, diz o Após-  
 tolo (e isto não são encarecimentos, senão Fé Cató-  
 lica). O remédio é que, quando servis a vossos  
 senhores, não os sirvais como quem serve a homens,  
 10 senão como quem serve a Deus: *sicut Domino, et  
 non hominibus*; porque então não servis como cati-  
 vos, senão como livres, nem obedeceis como esca-  
 vos, senão como filhos. Não servis como cativos,  
 senão como livres, porque Deus vos há-de pagar o  
 15 vosso trabalho: *Scientes quod accipietis retributio-  
 nem*; e não obedeceis como escravos, senão como  
 filhos, porque Deus, com quem vos conformais nessa  
 fortuna que ele vos deu, vos há-de fazer seus her-  
 deiros: *Retributionem hæreditatis*. Dizei-me: se ser-  
 20 vísseis a vossos senhores por jornal e se houvésseis  
 de ser herdeiros da sua fazenda, não os serviríeis  
 com grande vontade? Pois servi a esse mesmo que  
 chamais senhor, servi a esse mesmo homem como se  
 servissemos a Deus; e nesse mesmo trabalho, que é  
 25 forçoso, bastará a voluntária aplicação deste como  
 — *Sicut Domino*: «como a Deus» —, para que Deus  
 vos pague como a livres, e vos faça herdeiros como  
 a filhos: *Scientes quod accipietis retributionem hære-  
 ditatis*.  
 30 Isto diz S. Paulo. E S. Pedro que diz? — Ainda  
 levanta e aperta mais o ponto. E depois de falar com  
 os Cristãos de todos os estados em geral, se dilata  
 mais com os escravos e os anima a suportarem o da  
 sua fortuna com toda esta majestade de razões:

OBRAS ESCOLHIDAS DO P. ANTÓNIO VIEIRA

*Servi, subditi stote in omni timore Dominis, non tantum bonis et modestis, sed etiam dyscolis:* «Escravos, estai sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injustos». Esta é a suma do preceito e conselho que lhes dá o Príncipe dos Apóstolos, e logo ajunta as razões dignas de se darem aos mais nobres e generosos espíritos. Primeira: porque a glória da paciência é padecer sem culpa: *Quæ enim est gloria, si peccantes et colaphizati suffertis?* Segunda: porque essa é a graça com que os homens se fazem mais aceitos a Deus: *Sed si bene facientes patienter sustinetis: hæc est gratia apud Deum.* Terceira, e verdadeiramente estupenda: porque nesse estado em que Deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis: quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

Justissimamente chamei a esta razão estupenda; porque quem haverá que não pasme à vista da baixeza dos sujeitos com quem fala S. Pedro, e da alteza da comparação altíssima a que os levanta? Não compara a vocação dos escravos a outro grau ou estado da Igreja, senão ao mesmo Cristo: *In hoc enim vocati estis, quia et Christus passus est.* Mais ainda: Não pára aqui o Apóstolo, mas acrescenta outra nova e maior prerrogativa dos escravos,

---

1-2. *Ibid.*, 20.

9-10. I *Epístola de S. Pedro*, I, 18.

17-20. I *Epíst. de S. Pedro*, II, 21.

declarando por quem padeceu Cristo e para quê:  
*Quia et Christus passus est pro nobis, vobis relin-*  
*quens exemplum.*

5 Sempre reparei muito na diferença daquele *nobis*  
 e daquele *vobis*. A Paixão de Cristo teve dois fins:  
 o remédio e o exemplo. O remédio foi universal para  
 todos nós: *Passus est pro nobis*: mas o exemplo  
 não duvida S. Pedro afirmar que foi particular-  
 mente para os escravos, com quem falava: *vobis*  
 10 *relinquens exemplum*. E porquê? — Porque ne-  
 nhum estado há entre todos mais aparelhado no  
 que naturalmente padece, para imitar a paciência  
 de Cristo e para seguir as pisadas do seu exemplo:  
*Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia*  
 15 *ejus*.

Oh ditosos vós, outra e mil vezes, como dizia,  
 se, assim como Deus vos deu a graça do estado, vos  
 der também o conhecimento e bom uso dele! Sabeis  
 qual é o estado do vosso cativo, se usardes bem  
 20 dos meios que ele traz consigo, sem acrescentardes  
 nenhum outro? É um estado não só de religião,  
 mas uma das religiões mais austeras de toda a  
 Igreja. É religião segundo o instituto apostólico e  
 divino, porque, se fazeis o que sois obrigados, não  
 25 servis a homens senão a Deus, e com título nomea-  
 damente de servos de Cristo: *Ut servi Christi, fa-*  
*cientes voluntatem Dei ex animo, cum bona volun-*  
*tate servientes, sicut Domino et non hominibus*.

Notai muito aquela palavra — *cum bona volun-*  
 30 *tate servientes*. Se servis por força e de má vontade,  
 sois apóstatas da vossa religião; mas se servis com

---

2-3. *Epístola aos Efésios, VI, 6 e 7.*

## OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiros servos de Cristo: *Domino Christo servite*. Assim como na Igreja há duas religiões da redenção de cativos, assim a vossa é de cativos sem redenção, para que também lhe não faltasse a perpetuidade, que é a perfeição do estado. Umas religiões são de descalços, outras de calçados; a vossa é de descalços e despídos. O vosso hábito é da vossa mesma cor; porque não vos vestem as peles das ovelhas e camelos, como a Elias, mas aquelas com que vos cobriu ou descobriu a natureza, expostos aos calores do sol e frios das chuvas. A vossa pobreza é mais pobre que a dos menores e a vossa obediência mais sujeita que a dos que nós chamamos mínimos. As vossas abstinências mais merecem nome de fome que de jejum, e as vossas vigílias não são de uma hora à meia-noite, mas de toda a noite sem meio. A vossa regra é uma ou muitas, porque é a vontade e vontades de vossos senhores. Vós estais obrigados a eles, porque não podeis deixar o seu cativeiro, e eles não estão obrigados a vós, porque vos podem vender a outro, quando quiserem. Em uma só religião se acha este contrato, para que também a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento não falo, porque não são de reverência nem de caridade, mas de desprezo e afronta. Enfim, toda a religião tem fim e vocação e graça particular. A graça da vossa são açoutes e castigos: *Hæc est gratia apud Deum*. A vocação é a imitação da paciência de Cristo: *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est*; e o fim é a herança eterna por prémio: *Scientes quod accipietis retributionem hæreditatis*. *Domino Christo servite*. E como o estado ou religião do vosso cativeiro, sem outras



asperezas ou penitências mais que as que ele traz consigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deus, não só o prémio de bem-aventurados, senão também a herança de filhos; favor e providência muito particular é da Virgem Maria que vos conserveis no mesmo estado e grandes merecimentos deie, para que por meio do cativeiro temporal consigais, como vos prometi, a liberdade ou alforria eterna.

VII

Crede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantai vossas esperanças, não só ao Céu, senão ao que agora ouvireis que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será então a vossa, e que pasmo e confusão para os que hoje têm tão pouca humanidade que a desprezam e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizei-me: se assim como vós nesta vida servis a vossos senhores, eles na outra vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notável e uma glória para vós nunca imaginada? Pois sabei que não há-de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus que quando servis a vossos senhores, não sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna que, digo, não há-de ser entre vós e eles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão-de servir no Céu, não hão-de ser vossos senhores, que muito pode ser que não vão lá, mas quem vos há-de servir é o mesmo Deus em pessoa.

Deus é o que vos há-de servir no Céu, porque vós o servistes na Terra. Ouvi agora com atenção.

Antigamente, entre os deuses dos gentios, havia um que se chamava Saturno, o qual era deus dos escravos, e quando vinham as festas de Saturno, 5 que por isso se chamavam Saturnais, uma das solemnidades era que os escravos naqueles dias eram os senhores que estavam assentados, e os senhores os escravos que os serviam em pé. Mas acabada a 10 festa também se acabava a representação daqueia comédia, e cada um ficava como de antes era. No Céu não é assim; porque tudo lá é eterno, e as festas não têm fim. E quais serão no Céu as festas dos escravos? — Muito melhores que as Saturnais. Por- 15 que todos aqueles escravos que neste mundo servirão a seus senhores como a Deus, não são os senhores da Terra os que os hão-de servir no Céu, senão o mesmo Deus em Pessoa o que os há-de servir. Quem se atrevera a dizer nem imaginar tal cousa, 20 se o mesmo Cristo o não dissera? *Beati servi illi, quos. cum venerit Dominus, invenerit vigilantes!* «Bem-aventurados aqueles escravos a quem o Senhor no fim da vida achar que foram vigilantes em fazer a sua obrigação!» E como lhes pagará o mesmo Se- 25 nhor? — Ele mesmo o diz e afirma com juramento: *«Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis: «Mandarà assentar os escravos à mesa e ele como escravo cingirá o avental, e os servirá a eles».* Por esse excesso 30 de honra declara Cristo quanto Deus há-de honrar

---

6. *Macrobius, Saturnal.*, Lib. I.  
26-27. *S. Lucas, XII, 37.*

aos escravos no Céu, se eles servirem a seus senhores, como se servissem a Deus. — Servistes a vossos senhores na Terra, como a mim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos senhores, vos servirei no Céu,  
 5 como vós a eles. S. Pedro Crisólogo: *En pavenda conversio servitutis; quia parumper servus astitit in Domini sui expectatione succinctus; et cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* «Oh mudança de servidão (diz Crisólogo) não  
 10 só admirável e estupenda, mas tremenda! Que porque o escravo serviu e esperou a Deus um pouco de tempo, se dissimule a divindade dentro em si mesma, e o mesmo Deus no Céu sirva ao escravo! E isto faz Deus (diz elegante e discretamente o santo) por-  
 15 que assim como na Terra há lei de Talião para os delitos, assim no Céu tem Deus lei de Talião para os prémios»: *Ut Talionem redderet.*

Mas porque não pareça que excede os termos da rigorosa teologia, dizer que servirá Deus como es-  
 20 cravo no Céu aos escravos que serviram a Deus na Terra, ouvi ao príncipe dos Teólogos, Santo Tomás, sobre este mesmo texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjicit, quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.* «O Deus Omnipotente de tal  
 25 maneira se sujeita a todos os que santamente o serviram, como se Deus fora escravo comprado de cada um, e cada um dos que assim o serviram fora Deus do mesmo Deus». Vede, vede se vos está melhor  
 30 servir a vossos senhores como a Deus, ou servi-los

---

5-9. S. Pedro Chrisólogo, 24, *De Serv. vigil. Serm.*  
 22-25. S. Tomás, *Opúsculo LXIII*, p. 3.

como a homens. Depois de os servirdes toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar deles na Terra, é uma esteira de tábua por mortalha; e se os servirdes como a Deus, o que haveis de alcançar dele no Céu, é que vos servirá e honrará por toda a eternidade, como se vós, aqui miserável escravo, fôsseis seu Deus, e ele vosso escravo comprado:  
5 *Quasi sit versus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.*

10 E para que do mesmo que experimentais e gozais na Terra, julgueis o que será o Céu, ponde os olhos naquele altar. O mesmo benigníssimo Senhor que no desterro e no cativoiro vos põe consigo à mesa, que muito é que no Céu vos sirva a ela? Foi questão  
15 entre os filósofos antigos, se era justo e decente que os senhores admittissem consigo à mesa e pusessem a ela os seus escravos. Os estóicos, que era a seita mais racional, e entre os gentios a mais cristã, ensinavam que os senhores deviam admitir os escravos  
20 à sua mesa, e louvavam a humanidade dos que isto faziam e se riam da soberba dos que se desprezavam de o fazer. *Servi sunt?* (dizia o maior mestre da mesma seita) *Servi sunt? Imo homines. Servi sunt? Imo contubernales. Servi sunt? Imo humiles amici.*  
25 *Servi sunt? Imo conservi. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo cænare.* Todas estas razões de Séneca se reduzem a uma, que é, serem

---

23-26. Trad.: São escravos? Mas também são homens. São escravos? Mas também são companheiros. São escravos? Mas também amigos humildes. São escravos? Mas também companheiros na escravidão. Por isso rio daquelles que têm como torpe comer na companhia do escravo. Séneca, Liv. VI, Epist. XVII.

também homens os que são escravos. Se a fortuna os fez escravos, a natureza fê-los homens; e porque há-de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, que a igualdade da natureza para a  
 5 estimação? Quando os desprezo a eles, mais me desprezo a mim; porque neles desprezo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza.

A esta razão forçosa em toda a parte se acrescenta outra no Brasil, que convence a injustiça e exagera  
 10 a ingratidão. Quem vos sustenta no Brasil, senão os vossos escravos? Pois se eles são os que vos dão de comer, porque lhes haveis de negar a mesa, que mais é sua que vossa? Contudo a majestade, ou desumanidade da opinião contrária é a que prevalece, e não  
 15 são admitidos os escravos à mesa, mas nem ainda às migalhas dela, sendo melhor a fortuna dos cães que a sua, posto que sejam tratados com o mesmo nome. Que importa, porém, que os senhores os não admitam à sua mesa, se Deus os convida e regala  
 20 com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Tomás, e com ele toda a Igreja) *O res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus et humilis!* «O escravo pobre e humilde, não só come à mesa com seu senhor, mas come ao mesmo Senhor!» Comparai agora mesa  
 25 com mesa e senhor com Senhor, e ride-vos com Séneca dos que ainda neste ponto se não descem da autoridade de senhores: *Rideos istos, qui turpe existimant cum servo suo cœnare.*

E se Deus, sendo escravos, vos põe à sua mesa na  
 30 Terra, que muito é que, tendo-o prometido e estando vós já livres do cativoiro, vos haja de servir à mesa no Céu, sendo a mesa, não outra, senão a mesma? Todos os reparos que podia ter esta admiração, já Cristo os deixou desfeitos na instituição do mesmo

Sacramento. Antes de Cristo instituir o soberano mistério do Santíssimo Sacramento, preparou-se a si e preparou os discípulos. E quais foram as preparações? Duas em uma só acção, que foi o lavatório dos pés. A sua, servindo-os como escravo; e a dos discípulos, obrigando-os a que se deixassem servir como senhores. E se Cristo serviu aos homens como escravo, porque os havia de pôr à sua mesa na Terra, que muito haja de servir aos escravos já livres, quando os tiver à sua mesa no Céu?: *Faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis.*

Esta é a mudança sobre toda a admiração estu-  
penda, com que então vereis trocada a vossa fortuna: cá servindo aos homens, e lá sendo servidos do mesmo Deus. Mas o que agora importa, é que de nenhum modo falteis à obrigação com que só se promete a felicidade desta mudança à presente miséria de vossa fortuna. E qual é, se não estais bem lembrados? — É que vós também mudeis a intenção e troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendo-o de forçoso voluntário e «servindo a vossos senhores como a Cristo, e debaixo dos homens a Deus»: *Sicut Domino, et non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficareis duas vezes forros e livres: 25 livres do cativeiro do Demónio, pela liberdade das almas, e livres do cativeiro temporal, pela liberdade eterna; que são os dois cativeiros da primeira transmigração de Babilónia e as duas liberdades da segunda: *In transmigracione Babylonis. Et post trans-*  
30 *migrationem Babylonis.*



VIII

Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometi. E porque esta é a última vez que hei-de falar convosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se  
 5 muito necessário para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam et fratres ejus in transmigra-  
 tione Babylonis*. Este Jeconias e estes seus irmãos, quem foram? — Todos foram reis e filhos de reis,  
 10 e reis do reino de Judá, fundado pelo mesmo Deus, e o mais famoso do Mundo; e nada disto bastou para que não fossem levados cativos a Babilónia e lá tratados como vilíssimos escravos: um carregado de cadeias, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de ver com eles matar  
 15 em sua presença os próprios filhos. Em significação deste cativeiro andava o profeta Jeremias pelas ruas e praças de Jerusalém com uma grossa cadeia ao pescoço. E a esta acrescentou depois outras cinco, as quais mandou aos reinos e reis confinantes, pelos  
 20 seus embaixadores que residiam naquela corte. Uma ao rei de Edon, outra ao rei de Moab, outra ao rei de Amon, outra ao rei de Tiro, outra ao rei de Sidónia; porque todos no mesmo tempo haviam de ser cativos, como foram pelos exércitos dos Caldeus.  
 25 Pois se os ceptros e coroas não livraram do cativo a tantos reis, e depois de adorados dos seus vassallos, se viram escravos dos estranhos; estas voltas tão notáveis da roda da fortuna vos devem consolar também na vossa. Se isto succede aos leões e aos

---

16. *Jeremias*, XXVII, 2 e 3.

elefantes, que razão podem ter de se queixar as formigas? Se estes, nascidos em palácios dourados e embalados em berços de prata, se viram cativos e carregados de ferros; vós, nascidos e criados nas bre-  
5 nhas da Etiópia, considerai as grandes razões que tendes, para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos dela. O que haveis de fazer é consolar-vos muito com estes exemplos; sofrer com muita paciência os  
10 trabalhos do vosso estado, dar muitas graças a Deus pela moderação do cativoiro a que vos trouxe, e sobre tudo aproveitar-vos dele para o trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas há-de durar para sempre.

15 Este foi o documento dos escravos. E os senhores terão também alguma cousa que tirar deste cativoiro de Babilónia? Parece que não. Eu (está dizendo cada um consigo), eu, por graça de Deus, sou branco e não preto; sou livre e não cativo; sou senhor e não  
20 escravo; antes tenho muitos. E aqueles que se viram cativos em Babilónia, eram pretos ou brancos? Eram cativos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio vos eram inferiores. Pois se eles se viram abatidos  
25 ao cativoiro, sendo necessário para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis ver no mesmo estado, porque não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos anos tendes para poder experimentar esta mudança; e se velho, poucos  
30 bastam.

Introduz Macróbio em um diálogo dois interlocutores, um chamado Pretextato, grande despreza-

---

31. *Macróbio. Lib. VII Saturnalivrum.*



dor de escravos, e outro que os defendia, chamado Evangelo. Este, pois, que só uma letra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: — *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licere fortunæ;*  
 5 *tam tu illum videre liberum potes, quam ille te servum:* «Se considerardes, ó Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os escravos, como sobre os livres, acharás que este que tu hoje vês escravo, amanhã o podes ver livre; e que ele, que hoje te vê  
 10 livre, amanhã te pode ver escravo». E senão diz-me: de que idade era Hécuba, Cresso e a mãe de Dario e Diógenes e Platão, quando se viram cativos? *Nescis qua ætate Hecuba servire cœpit, qua Cressus, qua Darii mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*  
 15 Senhores, que hoje vos chamais assim, considerai que para passar da liberdade ao cativo, não é necessária a transmigração de Babilónia, e que na vossa mesma terra pode suceder esta mudança; e que nenhuma há no Mundo que mais mereça e esteja  
 20 clamando por ela à divina Justiça. Ouvi um pregão da mesma Justiça divina por boca do Evangelista S. João: — *Si quis habet aurem, audiat:* «quem tem ouvidos, e não é surdo aos avisos de Deus, ouça». E que há-de ouvir? — Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet:* «todo aquele que cativar, será cativo». Olhai para os dois pólos do Brasil, o do Norte e o do Sul, e vede se houve jamais Babilónia nem Egipto no Mundo, em que tantos milhares de cativos se  
 30 fizessem, cativando-se os que faz livres a natureza, sem mais direito que a violência, nem mais causa

---

25. 28-29. *Apocalipse*, XIII, 9 e 10.

que a cobiça, e vendendo-se por escravos. Um só  
homem livre cativaram os irmãos de José, quando  
o venderam aos Ismaelitas para o Egipto; e em pena  
deste só cativeiro, cativou Deus no mesmo Egipto a  
5 toda a geração e descendentes dos que o cativaram  
em número de seiscentos mil, e por espaço de qua-  
trocentos anos. Mas para que ir buscar os exemplos  
fora de casa, e tão longe, se os temos em todas as  
nossas Conquistas? Pelos cativeiros da África cati-  
10 vou Deus a Mina, Santo Tomé, Angola e Benguela;  
pelos cativeiros da Ásia cativou Deus Malaca, Cei-  
lão, Ormuz, Mascate e Cochim; pelos cativeiros da  
América cativou a Baía, o Maranhão e debaixo do  
nome de Pernambuco quatrocentas léguas de costa  
15 por vinte e quatro anos. E porque os nossos cati-  
veiros começaram onde começa a África, ali permi-  
tiu Deus a perda de el-rei D. Sebastião, a que se  
seguiu o cativeiro de sessenta anos no mesmo Reino.

Bem sei que alguns destes cativeiros são justos,  
20 os quais só permitem as leis, e que tais se supõem  
os que no Brasil se compram e vendem, não dos  
naturais, senão dos trazidos de outras partes; mas  
que teologia há ou pode haver que justifique a de-  
sumanidade e sevícia dos exorbitantes castigos com  
25 que os mesmos escravos são maltratados? Maltra-  
tados, disse, mas é muito curta esta palavra para  
a significação do que encerra ou encobre. Tiraniza-  
dos devera dizer, ou martirizados; porque ferem os  
miseráveis, pingados, lacrados, retalhados, salmou-  
30 rados, e os outros excessos maiores que calo, mais  
merecem nome de martírios que de castigos. Pois  
estai certos que vos não deveis temer menos da  
injustiça destas opressões, que dos mesmos cativei-  
ros, quando são injustos: antes vos digo que muito

mais vos deveis temer delas, porque é muito mais o que Deus as sente. Enquanto os Egípcios sòmente cativavam os filhos de Israel, dissimulou Deus com o cativo; mas finalmente não pôde a divina Justiça sofrer a sua mesma dissimulação; e depois das 5 dez pragas com que foram açoutados os mesmos Egípcios, acabou de uma vez com eles, e os destruiu e assolou totalmente. E porquê? O mesmo Deus o disse: — *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et* 10 *clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui præsumunt operibus:* «Vi, diz Deus, a aflição do meu povo, e ouvi os seus clamores pela dureza das opressões com que os carregam e rigores com que os castigam, os que presidem às obras em que tra- 15 balham».

Notai duas cousas: a primeira, que se não queixa Deus de Faraó, senão dos seus feitores: *Propter duritiam eorum, qui præsumunt operibus;* porque os feitores muitas vezes são os que mais cruelmente 20 oprimem os escravos. A segunda, que não dá por motivo da sua justiça o cativo, senão as opressões e rigores com que sobre cativos os afligiam: *Vidi afflictionem populi mei.* E acrescenta o Senhor que ouviu os seus clamores: — *Et clamorem ejus audivi* 25 — que é para mim um reparo de grande lástima, e para Deus deve ser uma circunstância que grandemente provoque a sua ira. Estão açoutando cruelmente o miserável escravo, e ele gritando a cada açoute — Jesus! Maria! Jesus! Maria! — sem bastar 30 a reverência destes dois nomes, para moverem a piedade um homem que se chama cristão. E como

---

22-23. Êxodo, III, 7.

OBRAS ESCOLHIDAS DO P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA

queres que te ouçam na hora da morte estes dois  
nomes, quando chamares por eles? Mas estes cla-  
mores que vós não ouvís, sabeis que Deus os ouve;  
e já que não têm valia para com o vosso coração,  
5 a terão sem dúvida sem remédio para vosso castigo.

Oh como temo que o Oceano seja para vós Mar  
Vermelho, as vossas casas como a de Faraó e todo  
o Brasil como o Egipto! Ao último castigo dos  
Egípcios precederam as pragas, e as pragas já as  
10 vemos tão repetidas umas sobre outras, e algumas  
tão novas e desusadas, quais nunca se viram na cle-  
mência deste clima. Se elas bastarem para nos  
abrandar os corações, razão teremos para esperar  
misericórdia na emenda; mas se os corações, como  
15 o de Faraó, se endurecerem mais, ainda mal, por-  
que sobre elas não pode faltar o último castigo.  
Queira Deus que eu me engane neste triste pensa-  
mento, que sempre aqui e na nossa corte, os mais  
alegres são os mais cridos. Sabeis, porém, que é certo  
20 (e fique-vos isto na memória) que se Jeconias e seus  
irmãos creram a Jeremias, não seriam cativos; mas  
porque deram mais crédito aos profetas falsos que  
os adulavam, assim ele como seus irmãos, todos  
acabaram no cativeiro de Babilónia: *Jechoniam et*  
25 *fratres ejus in transmigracione Babylonis.*

---

23. *Jeremias*, XXXVII, 2 e 18.

## ÍNDICE

	Pág.
<i>Prefácio</i> .....	V
<i>Sermão Décimo Quarto (Da série — «Maria, Rosa Mística») pregado na Baía à irmandade dos Pretos dum engenho, em 1633</i> .....	I
<i>Sermão Trigésimo Sétimo (Da série — «Maria, Rosa Mística»), pregado na Baía</i> .....	47
<i>Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, pregado em S. Luís do Maranhão, em 1653</i> .....	96
<i>Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, pregado em S. Luís do Maranhão, em 1654</i> .....	124
<i>Sermão de Santo António, pregado em S. Luís do Maranhão</i> .....	157
<i>Sermão da Sexagésima, pregado na Capela Real, em 1655</i> .....	203
<i>Sermão da Primeira Oitava da Páscoa, pregado em Belém, do Pará, em 1656</i> .....	248

## CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

---

O leitor facilmente corrigirá erros como *Viela Nova* para *Vila Nova* (nota da p. 17), *sucede* para *suceda* (p. 54, l. 10), *escondio* para *escondido* (67, 9), *milhão!* para *milhão?* (70, 6), *casa* para *caso* (160, 3) *invenio* para *invento* (250, 17), *projicient* para *projiciet* (263, 25), *muitos* para *muito* (283, 6). Chama-se-lhe sobretudo a atenção para os seguintes, que mais importam ao sentido:

- Pág. 25, linha 26, *pereceram nem morreram* em vez de *perecerem e morrerem*.
- » 46, » 23, *termo* em vez de *eterno*.
- » 53, » 11, *trouxe* em vez de *vos trouxe*.
- » 61, » 23, *vinda* em vez de *vinha*.
- » 64, » 22, *cativos* em vez de *cativeiros*.
- » 113, » 22, cortar repetição: *reinos e sem*.
- » 130, nota *são* em vez de *eram*.
- » 193, nota *Esta maravilha* em vez de *Grande maravilha*.
- » 224, linha 18, *noite* em vez de *negro*.
- » 228, » 31, *não é um* em vez de *não é*.
- » 242, » 31, Acrescente-se a *veste como rei*, a cláusula: *e fala como rei*.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- Pág. 74, linha 3, Joannes Geómetra monge do mosteiro de Ciro, em Constantinopla, poeta e retórico do século X.
- » 105, » 13 a 16: Trad.: *Atira-te daqui a baixo. Está, na verdade escrito que ordenou aos seus anjos que cuidassem de ti, e eles te tomarão nas mãos, para que não magoes o pé contra as pedras.*
- » 132, » 6-7 e 10-11: Trad.: *E a nossa terra dará o seu fruto. A verdade saiu da terra e a justiça lança do Céu o seu olhar.*
- » 136, » 3, Trad.: *Todo o dia tua língua cogitou a maldade.*
- » 195, » 3, *E Simão tem pés e quer ter asas...* Assim ocorre na 1.<sup>a</sup> edição, mas é erro, certamente, que deverá corrigir-se para: *Se Simão*, etc.
- » 227, » 17-18. Trad.: *Daqui a quarenta dias será Nínive subvertida.*
- » 235, » 1, Trad.: *Quem são estes que voam como nuvens?*
- » 258, » 19-21, Trad.: *E (ouviram) quanto tinham feito em terras da Hispânia e que se apoderaram das minas de prata e ouro que ali existem.*



COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



LIVRARIA SÁ DA COSTA  
EDITORIA LISBOA